

# REVISTA DO ENSINO

APPARECE A 15 DE CADA MEZ

## SUMMÁRIO de 15 de Abril de 1912

Hygiene escolar (A CULTURA INTELLECTUAL E O EXERCICIO PHYSICO.— «SURMENAGE» ESCOLAR.—O TRABALHO DO CÉREBRO NOS EXERCICIOS DIFFICILIS; O AUTOMATISMO NOS EXERCICIOS FACILIS) .....	<i>Acylino de Leão.</i>
A arte de lêr (TRAD.) .....	<i>Emílio Faguet.</i>
Páginas escolhidas (D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO.—MEMORIAL A EL-REI D. JOÃO IV) .....	<i>F. R.</i>
História da terra (OITAVA, NONA E DÉCIMA ÉPOCAS) .....	<i>S. de Padilha.</i>
Livros escolares (UMA GRAMMATICA ADOPTADA.—PROCESSOS DE ANÁLISE) .....	<i>Teodoro Rodrigues.</i>
Curiosidades scientificas (A VIDA NO FUNDO DOS MARES) .....	<i>Octávio Graça.</i>
A Raposa e o Lobo (SÉCULO XVII) .....	<i>D. Francisco Manuel de Mello</i>
Terra encantada (SENSAÇÕES DE FISA, FLORENÇA E SIENA.—DE JUSTINO DE MONTALVÃO, ED. GAENIER.—RIO) .....	<i>F. R.</i>
Questões de Grammatica e phillogia (REFLEXÕES SOBRE A ANÁLISE SYNTÁCTICA.—PROPOSIÇÕES COMPOSTAS POR COORDENAÇÃO E POR SUBORDINAÇÃO) .....	<i>M.—Th.</i>
A instrução Pública nos Estados (NOTAS SOBRE O ENSINO DO ESTADO DO PARANÁ.—COMMUNICAÇÃO FEITA AO CONGRESSO DE GEOGRAPHIA DE CURITYBA) .....	<i>João Lourenço Rodrigues.</i>
Noticias litterárias (ALMÁCHIO DINIZ) .....	<i>S. S.</i>
Pelo magistério (DECRETOS, PORTARIAS, VÁRIAS) .....	<i>J. F.</i>
Notas e noticias .....	<i>N.</i>
A vida escolar no Estado .....	<i>F. de S.</i>
Legislação do ensino .....	

A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A CAIXA POSTAL N. 502

BELEM

PARÁ—BRASIL

Rec. 6-5-912.



*Director*: Desembargador **AUGUSTO OLYMPIO** — *Redactor-chefe*: **FLÉXA RIBEIRO**  
(SECRETARIO D'ESTADO DO INTERIOR)

*Secretario geral*: **OLAVO NUNES**

---

---

**Publicação oficial de sciencias, letras e especialmente de  
pedagogia.**

---

---

A **REVISTA DO ENSINO** tem suas columnas francas á collaboração dos membros do magistério público e pessoas dedicadas ao estudo das questões de ensino, sob censura da redacção

---

---

Para tudo o que fôr concernente á **REVISTA DO ENSINO**, dirigir-se ao sr. **Olavo Nunes**, na Secretaria do Interior (das 9 ás 11 horas do dia)

---

---

**ASSIGNATURAS**

Pará..... Doze mil réis, por anno  
Outros Estados ..... Quinze mil réis  
Número avulso ..... Mil e quinhentos réis

**Para o professorado primário official será de 10\$000 a assignatura annual.**

---

---

Todo assignante da **REVISTA DO ENSINO** terá direito a uma bella capa, trabalho original de reputado professor de desenho, impressa em percalina, e que será distribuida quando completo o 1.<sup>o</sup> tomo, para sua especial encadernação.

---

---

**A REVISTA DO ENSINO** permutará com as publicações similares.  
Toda correspondencia que se lhe destine deve ser endereçada á **CAIXA POSTAL n. 216 (Pará—Brasil).**

---

---

São depositarios da **REVISTA**, em Belem: **LIVRARIA MODERNA**, rua João Alfredo, 89; **LIVRARIA CLASSICA**, rua João Alfredo, 58; **PARÁ-CHIC**, João Alfredo, 83; **LIVRARIA BITTENCOURT**, 15 de Novembro, 15; **LIVRARIA ALFACINHA**, rua João Alfredo.

---

---

A **REVISTA DO ENSINO** fará a critica dos livros que lhe forem offerecidos



# Fialho D'Almeida

(ENSAIO DE ESTHÉTICA DA LINGUA PORTUGUESA)

Crítica d'arte sobre as obras do grande escriptor lusitano, com uma photogravura e uma carta autógrapha.

por FLEXA RIBEIRO

Elegante edição, em papel de linho, da LIVRARIA CLÁSSICA editora, de A. M. Teixeira, de Lisboa.

A' venda nas Livrarias:

Bittencourt, Clássica e no Pará-Chic.

## LIVROS NOVOS:

**De J. Leite de Vasconcellos :**

Lições de Philologia Portuguêsa.

Textos Archáicos (2.<sup>a</sup> edição).

**De Gonçalvez Viana :**

Vocabulario Orthogárphico e Orthoépico

**De Epiphânio Dias :**

Os Lusíadas, de Luis de Camões, edição critica.

Grammática Histórica da Lingua Portuguêsa (no prelo).



# LIVRARIA BITTENCOURT

TYPOGRAPHIA PAPELARIA PAUTAÇÃO

LIVROS de instrução primária e secundaria, romances, postaes e papeis de todas as qualidades

METHODOS para piano, violino e outros instrumentos.  
OPERAS completas e papel para copiar musica.

O mais variado sortimento de revistas modas e livros religiosos

Grande deposito de musicas classicas e de dança.

Objectos de apurado gosto proprios para presentes.

UNICO deposito dos afamados pianos de  
M. F. Rachals & C. e Carl Mand'

*Fabrica de livros em branco.*

*Imagens, Terços, Estampas, Meddhas, e Livros Religiosos*

CASA ESPECIALISTA EM JORNAES DE MODA

**Preços reduzidissimos**

R. L. BITTENCOURT & COMP.

15 — Rua 15 de Novembro — 15

PARA' — BELÉM





# HYGIENE ESCOLAR

A cultura intellectual e o exercicio  
physico.—«Surmenage» escolar.—O  
trabalho do cérebro nos exercicios  
difficeis; o automatismo nos exercicios  
faceis

Por ACYLINO de LEÃO

As condições da vida moderna, pela sobrecarga de trabalho na luta de competência social, tendem á degradação da espécie humana.

Para aperceber um homem dos requisitos necessários ao êxito, é mester d'esde a mais tenra idade assoberbal-o com as exigências cada vez mais prementes da instrucção scientifica e literária. A um cérebro ainda em formação demanda-se um esforço sustentado; a um corpo em via de desenvolvimento impõe-se a immobildade, a *sedentariidade*; emfim, reúnem-se, para viver em commum, organismos particularmente susceptiveis ás diversas infecções. Certos desvios e deformidades do corpo, certas paradas no desenvolvimento physico ou intellectual, sobretudo perturbações orgánicas ou funcçionaes, moléstias epidêmicas podem ser a consequência das condições em que a creança atravessa esta phase perigosa da existência.

De comêço, os governos, que crearam a obrigatoriedade do ensino, nada faziam para pôr os infantes nas condições mais



favoráveis ao desenvolvimento harmónico de seu organismo evitando-lhes ao mesmo passo, com incessante cuidado, as moléstias que podiam contrahir.

Depois que a medicina tomou o encargo de demonstrar os perigos de semelhante descaso, muito se há feito de util, no estrangeiro e no sul do país, onde já se acclimou a criação racional do médico inspector; entre nós, os albores da nova era surgiram com a última refórma do ensino, um justo titulo de glória da actual administração.

Seria para desejar se não tolhessem, antes se ampliassem as incursões nesse sentido da hygiene escolar, pois a saude das creanças é o promissor futuro da nação e da raça.

Quando se tracta de regular a vida d'escola, o que se pede ao pedagogo é só um programma de ensino, e calcula-se depois, empiricamente, o tempo de estudo que reclama, e as horas sobejas são, por seu turno, divididas entre o somno, os repastos, as minguidas recreações.

Os resultados d'este método são evidentemente maus; há nelle um verdadeiro recuo chronológico, em que a psychologia precede a physiologia. E' fácil comprehender ademais o effeito nocivo d'uma sedentariedade muito prolongada, sobre a saude e o desenvolvimento physico das creanças. D'outro lado, o trabalho imposto poderia, ao menos em certas creanças caprichosas, ou porventura taradas, acarretar fadiga cerebral, que iria terminar no estafe ou ergasthenia, a que os franceses denominam *surmenage*.

Em these, o estafe cerebral não se dá na infância, pois a creança, em se sentindo cansada, não presta mais attenção ás palavras do mestre ou ao livro que lê. Só nos cursos mais adiantados, gymnasial ou acadêmico, é que o alumno, já quasi adulto, lucta contra a própria fadiga, e consegue trabalhar em demasia, levado pela emulação dos companheiros ou por vaidade de laureis.

Mas o simples repouso obrigatório nas compridas horas de estudo, em posição contrafeita, coagidas a penoso silêncio, é já de si uma tortura enorme para essas naturezas que demandam ar livre e desordem de movimentos.

Da análise d'esses factos, que redundavam damnosos ao bem-estar physico e mental da infância, chegou-se á necessidade de reduzir a duração do trabalho escolar propriamente dito; e certos médicos, principalmente A. Mathieu, formularam



em nome da hygiene esta proposição racional: «para obter um desenvolvimento harmónico do corpo e do espirito, é mester indicar primeiramente as horas de somno, de repouso, de exercicio physico ao ar livre, que são quotidianamente necessárias á saude das creanças e adolescentes; a cultura intellectual terá de accommodar-se com o tempo que restar, disponível.»

Nada há mais contrário á natureza, assevera Mosso, do que obrigar, durante trez ou quatro horas seguidas, creanças immoveis sobre bancos d'uma escola, a estudar e reflectir.

Todos os animaes brincam; em sendo novos, o movimento é nelles um instincto, uma verdadeira necessidade natural.

Na creança como nelles, a brincadeira, os jogos, nascem d'uma necessidade instinctiva do movimento; a acção corporal é uma condição de crecença, pelo acceleramento das funcções nutritivas: a inércia provoca a engorda, isto é, armazena um material inutil, que vae ser causa de maior esforço do coração para irrigal-o, com prejuizo de tecidos nobres, quaes a célula nervosa e a fibra muscular. O infante diverte-se em mudar vivamente de logar no espaço, a correr, a gritar; depois de movimentos violentos experimenta uma sensação de prazer, apesar da fadiga que pode resultar d'esses exercicios.

A immobilidade reclamada pela applicação indispensavel a todo estudo produz uma intensa reacção, em que há inquietude e necessidade de mover-se por todos os modos e feitios: a grande excitabilidade que segue todo trabalho do espirito gera a turbulência involuntária dos estudantes.

D'ahi a grande vantagem dos pequenos repouso entrelições successivas. Esse período de descanso é tão necessário, diz Mosso, que se lhe deu o nome de recreação, isto é, crear de novo. O recreio é uma condição essencial do trabalho, porque regenera as energias physicas, dá uma nova força de resistência ao cérebro, e calma a excitação dos músculos, que demandam movimento. O ideal seria a prática do preceito de Platão: «Não se deve constranger as creanças a estudar: sua educação deve-se fazer brincando».

Mas a concorrência intellectual é hoje a fórmula mais commum da lucta pela vida, e, se a pessoa, desejando repouso o cérebro, não lhe pede senão um moderado esforço, arrisca a ser ultrapassada na carreira pelos rivaes, mais ciosos d'um diploma ou d'um concurso do que das leis da hygiene (Lagrange).



Os governos não devem, apesar d'isso, esquecer nas reformas a alta valia da educação physica, pois os paes, por ignorância ou indiferença não se importam d'essa educação; do mesmo feitio agem os mestres, pessoalmente entregues, d'um modo ás vezes exclusivo, á cultura literária ou scientifica: não é raro vêr, sob essas influências, numerosos adolescentes desprezar tudo o que se liga á vida physica e se comprazer na estiolante sedentariedade a que estão habituados.

O racional é estabelecer o equilibrio entre a cultura intellectual e a cultura physica, sabendo de antemão que a segunda é a base racional de toda educação (Arnould).

Cultura physica não deve ser aqui tomada na significação banal de gymnástica acrobática, em salas especiaes, com aparelhos complicados. Mester se faz que o exercicio infantil não seja uma lição a aprender, mas sim uma distracção activa, fundada na liberdade de movimentos, e fazendo appello á manifestação da iniciativa individual. D'esta sorte, as creanças desenvolvem, ao mesmo passo, a vontade de agir e os músculos, que são os instrumentos dessa vontade: o character e o corpo se formam ao mesmo tempo, harmonicamente. São principalmente os jogos ou brincadeiras que produzem esse resultado; só elles podem dar á creança essa coisa indispensavel, que é o prazer no exercicio.

A gymnástica complexa, plena de regras, requerendo grande trabalho cerebral, tem sido condemnada desde tempos remotos. Hippócratis, pae da medicina, foi rude adversário dos gymnastas, e preconizava, ao contrário, ardentemente os exercicios ao ar livre.

Há ainda quem pense que a gymnástica, sob qualquer de suas fórmulas seria capaz de estender seus beneficios ao espirito da creança, fatigado pelo excesso de estudo, ao mesmo tempo que ao corpo debilitado, sendo assim um remédio ao estafe cerebral e á fraqueza physica. Agiria como contrapêso salutar, susceptivel de restabelecer no organismo o equilibrio destruido por um esforço mental demasiado.

Tal não se dá, porém. O exercicio muscular minora certamente a sedentariedade excessiva da creança, mas não é um remédio á ergasthenia escolar, desde que os programmas continuem abundantes de lições. E' antes uma fadiga que se ajunta á outra, sommando-se.

Certos exercicios musculares, em que há « movimentos



regulados e prescriptos, gymnástica com apparêlhos e esgrima de todo gênero», demandam que as faculdades intellectuaes entrem em jogo, e o cérebro trabalha tanto quanto os músculos. Nos movimentos complicados a vontade tem de agir para regular-lhes a amplitude e a direcção, qual se dá, por exemplo, nos exercícios de esgrima, em que a attenção tem que estar fixa para o momento do golpe; há durante todo esse tempo uma *excitação latente* do músculo que tem de obedecer instantaneamente á ordem da vontade, e esforço de coordenação anterior, que exige grande dispêndio de força nervosa

Da mesma maneira, em grau menor, todos os exercícios em que há técnica demandam trabalho cerebral, porque são actos voluntários: a aprendizagem dos movimentos, a medida e precisão dos actos musculares, a difficuldade de certas posturas antinaturaes...

Como a vida sedentária do estudante exige imperiosamente o accréscimo dos exercícios do corpo, e não se póde, attento a concorrência, diminuir em larga escala o ensino intellectual e as horas de estudo, é razoavel adoptar, d'entre as diversas gymnásticas, aquellas que associam o menos possivel o cérebro aos trabalhos dos músculos. D'ahi a indicação dos exercícios em que dominam os movimentos automáticos, de natureza medullar, verdadeiros actos reflexos a que o cérebro pode permanecer alheio. Quem faz um passeio de estrada, repara na paizagem, ouve os ditos ou os risos dos companheiros, mas raramente, a não ser um tropêço, presta attenção aos próprios passos. Porque os movimentos da marcha, de todos os actos musculares, são os que se tornam mais facilmente automáticos. Assim a corrida, e as dansas infantis.

Duas condições essenciaes se impõem para que o exercício possa tornar-se automático, e são o hábito perfeito do movimento executado e a moderação do esforço muscular que necessita.

Os centros nervosos superiores, não tendo tomado parte no trabalho, não lhe soffrem a consequência. A fadiga, depois dos exercícios automáticos, é francamente muscular, e attinge o corpo e os membros mais que o encéphalo e os nervos.

Não é custoso comprehender a immensa vantagem que apresentam os exercícios automáticos quando se procura no trabalho muscular um derivativo para os cérebros fatigados. Assim, nas escolas, os exercícios faceis devem primar sobres os



outros: produzem a fadiga muscular sem conduzir á fadiga nervosa. Acceleram o curso do sangue, activam a respiração, regularizam as funcções digestivas, sem necessitar ao mesmo tempo a superactividade das funcções cerebraes, que acompanha sempre os exercicios difficeis da acrobacia, da esgrima e outros. São os passeios, a corrida, as pequenas lutas, simulação de combates, porfias e a enorme variedade de jogos e bailados da meninice. A creança delicia-se, sem mestre que lhe esteja a regular ou domar os movimentos, e cria amor ao ensino, que lhe dá, em prêmio, tão agradaveis distracções.

---

**Bibliographia:**— Arnoud, *Tratado de Hygiene*.— Proust, *Tratado de Hygiene*.— Lagrange, *Physiologia d s exercicios do corpo*.— Mosso, *Os exercicios phisicos e o desenvolvimento intellectual*.— Demeny, *As bases scientificas da educação e Mecanismo e educação dos movimentos*.



## A Arte de Ler

*Para aprender a ler é necessário, primeiro, ler muito devagar, em seguida ler muito devagar, e sempre até o último livro que tivermos a fortuna de manusear deveremos ler mui lentamente.*

*É mister ler com lertidão, seja o que for, e sempre a perguntar-nos se de nós foi bem comprehendido o trecho e se a idéa que acabamos de receber é realmente a do autor ou a nossa.*

Emilio Faguet.



# Páginas escolhidas

Por F. R.

## D. Francisco Manuel de Mello

*Com o excerto deste notavel e conhecidissimo erudito, polygrapho de virtudes raras nas ideias e nas frases, encerramos o quadro da prosa portugueza no século XVII, que foi, de certo, a centúria mais opulenta na evolução esthetica da nossa lingua.*

*Como o leitor quis verificar, no passado fasciculo, lendo com vivo interesse as páginas fluentissimas de Frei LUIS DE SOUSA, este seiscentista, entre seus pares, se aprimorava na limpidez correntia do estylo, no recamo sóbrio, lúcido, e representativamente apropriado da forma, ao assunto que historiava. Comprazia-se com vigor nas expressões dramáticas.*

*Se BERNÁRDEZ tinha a suavidade e graça breve; VEIRA a riqueza verbal arrebatada, o colorido chammejante; a mestria na sinjeleza aprimorada, o poder pessoalissimo de narrar, possuia-o Frei Luis; e—D. FRANCISCO MANUEL era o escritor elegante e vivido, tocado duma encantadora graciosidade, dum estylo exacto, quasi sempre liberto de archaismos.—Como o verso de Camões, sua prosa é contemporânea, foi escrita para nós. O autor das Cartas Familiares é um estylista "actual" em todas as épocas litterárias da lingua portugueza.*

*Como primor de frase, cópia variadissima de locuções dum ar senhoril, modos de dizer que sorriem de maliciosa intenção,— não sabemos de quem se lhe avanteja ou siquer o eguale. Para o discretetar no «estyllo epistolar» sua obra é modelo dos que melhormente cuidam da vernaculidade no escrever.*

*Foi escritor polidissimo. D. FRANCISCO teve um viver aventuroso, cataventado sempre pelo infortúnio, cheio das mais contrárias emoções: e sua arte espelha a superioridade duma intelligencia varonil dominando os sobressaltos do sentimento.*

*O Memorial que em fragmento trasladamos, é um exemplo.*



*Longos annos recluso por imputação injusta, veio ao final a ser desterrado para o Brasil. Aqui escreveu livro que de véras curioso deveria sêr: Brasil—inferno dos pretos, purgatório dos brancos, paraíso dos mulatos. O manuscrito desta obra ainda não foi encontrado.*

*A frescura idyllica, o enlevo sempre commovido de seu verso tornam-no o lyrico primeiro do século. Só Francisco Rodriguez Lobo se lhe pôde comparar. Páginas adiante verá o leitor na fábula que transcrevemos—A RAPOSA E O LOBO—como o torneio da estrophe, a riqueza rythmal do verso emprestam á sua poesia una expressão de grácil modernidade de fúlgida ironia. Não fossem certos archaismos na escrita, poderíamos julgar-o poeta raro dos nossos tempos, hábil nos airosos floreios da bôa linguagem.*

*Dos quinhentistas só Camões não envelheceu; D. FRANCISCO MANUEL, entre os gongóricos, continúa a remoçar-se no discurso dos séculos, como escritor de prol e de válida estimação.*

*Soldado, diplomata, erudito e artista, o escritor da FEIRA DE ANEXINS se perpetúa como uma figura moral de alta afirmação na raça portuguesa.*

*Escrevendo com pureza e elegância em espanhol e português, ficou clássico em ambas as linguas.*

*Nasceu em Lisbôa a 23 de novembro de 1611, e faleceu, após longas peregrinações em Europa e afastado e áspero desterro no Brasil, em outubro de 1666.*

*« Da fama que lhe apregôa o espirito mais culto e universal do seu tempo, temos a prova perpetuada em livros numerosos, ainda hoje relidos com prazer, e por estudo, » escreveu CAMILLO.*

*Entre suas obras escritas em vernáculo, e que são numerosíssimas e em grande parte inéditas, convem mencionar:—A CARTA DE GUIA DE CASADOS (1); EPANÁPHORAS DE VÁRIA HISTORIA PORTUGUESA (2); CARTAS FAMILIARES (3); AUTO DE FIDALGO APRENDIZ (4); APÓLOGOS DIALOGAES (5); FEIRA DE ANEXINS (6).*

1) A edição mais vulgar é a que foi dirigida por Camillo, — 1893, d'onde extrahimos o trecho do *Memorial*. A primeira ed. é de 1615. Ha várias reimpressões.

2) Ed. de 1660.

3) Ed. de 1664, rarissima. Fez-se uma outra ed. em 1752.

4) Ed. de 1676. Publicação póstuma.

5) Ed. de 1721, tambem de editoração póstuma.

6) Obra que ficou inédita e foi ac depois publicada por diligência e zelo de INNOCÊNCIO.



MEMORIAL

a El-Rei D. João IV M. S.—Offereceo  
D. Francisco Manoel de Mello, preso a seis  
annos por parte da Sua Justiça

Dois dos maiores negócios externos competentes á conservação desta corôa, foi V. Majestade servido de me querer encarregar dentro em uma semana estando em Évora.

Um se serviu V. Majestade de communicar-me em sua Real presença; outro me mandou V. Majestade tratar pelo secretário de estado, que por ambos haverem contido segredo não declaro, nos quaes não fiz a V. Majestade menor serviço (havendo representado minha insuficiência) de que o fizera encarregando-me de cada um delles, d'onde nasceu encarregar-se a outras pessoas capazes, que delles deram mui boa conta: devido em alguma maneira áquella util, e humilde de-zistência que em mim acharam, fundado no conhecimento que de mim tinha, de que V. Majestade se deu por satisfeito.

Estes foram, senhor, os meus progressos em dois annos e meio que assisti solto, na côrte, e no exército de V. M. Mande V. M. agora a meus émulos, que declarem quaes foram os outros por que me calumniam. Quaes foram meus desígnios vistos por minhas obras, ou vindicados por ellas nestes seis annos de minha prizão.

D'aqui donde não podia servir a V. M. com a pessoa na maneira que me era possível, jámais estive ocioso em seu serviço.

Achar-se-hão nas secretárias de V. M. papeis, cartas e lembranças minhas, prevenindo, lembrando, e pedindo a V. M. que, a meu fraco juizo, parecia mais conveniente nas presentes occorrências.

Publicaram os inimigos deste reino, e de V. M. livros, e inventivas contra a honra d'elle e seu real direito, tomei a penna e me oppuz a seu desconcerto, e escrevendo contra os émulos na maneira que o mundo sabe.

Por semelhantes serviços fez V. M. avantajadas mercês, e pela escripta dum só livro, em matéria discutida, e abundante, se serviu V. M. de dar o seu desembargo do Paço ao Dr. Francisco Vaz de Gouveia.

Do crédito que os estrangeiros deram a meus escriptos, não é inventosa a verdade; mas testemunha a experiência, ve-



se a conta que d'elles se tem feito, achando-se allegados largamente em comprovação dos procedimentos violentíssimos dos émulos de V. M., d'onde elles, e sua voz, recebem a confusão que se conhece.

Apenas tive notícia de que V. M. gostaria vêr escriptas as vidas dos sereníssimos Reis Portugueses, para correrem com suas medalhas pelo mundo, logo me dispuz a fazer a V. M. este serviço, cuja execução está bem próxima, que por minha parte se não retarda.

Sucedeo o milagroso caso quando Deos nos guardou a vida de V. M. (que guarde, e prospere por muitos annos). Houve V. M. de o fazer assim manifesto ás gentes, e houve esta própria penna de ser uma das que o publicaram, servindo-se V. M., que o meu papel por direcção de seos ministros fosse aos ministros, Principes, e Nações amigas, em cujas línguas corre ha muito convertido; sendo este um mêio por onde novamente se conhece a justiça de V. M. pelo grande cuidado com que Deos guarda a sua pessoa e innocência.

Havendo hoje neste reino tantos sujeitos grandes, teve V. M. por bem, que sendo eu o menor delles, me occupasse em historiar a vida, e feitos do Sr. Duque D. Theosódio que Deos haja, seu pai sereníssimo.

Senhor, se estas são minhas acçoens exteriores, examinem-se as interiores; pelas quaes logo o ânimo dos homens é reconhecido.

Quaes são os meus tractos? Qual o ânimo? Que soffrimento? Que pezar ou alegrias com os bons, os máus successos públicos? Que pessoas são as de minha amizade? Que taes as razões que me são ouvidas?

Constará que minhas correspondências são com os sujeitos mais graves d'este reino, e de maior religião, e virtude; que aquelles com quem tenho mais estreita amizade, e me fazem graça de quererem ter comigo, são os ministros, e creados de V. Majestade mais confidentes, e mais para o serem.

Fóra de Portugal, aquelles que de mim tem alguma lembrança, e eu a conservo para com elles, são os embaixadores, residentes, secretários, e outras pessoas de quem V. Majestade faz toda a conta, e estimação.

Meus commércios são as lettras, e os livros, em que maior piedade, e honra se acha, como é notório.



Meu sentimento e alegria é aquelle e aquella que um bom e zeloso vassallo deve ter nos prósperos, e adversos, acontecimentos da sua pátria.

E' constante, que succedendo neste reino, depois que eu a elle vim, quasi todos os casos de infelicidade (sem os quaes não quis Deos conceder a glória de vêrmos a V. Majestade em seu throno) foi tambem elle, servido por sua infinita bondade, que havendo-se enredado n'aquellas matérias muitas pessôas com culpa, ou sem ella, não fui eu nenhuma d'essas.

Não é menos certo que em nove annos de Portugal, em seis de prizão, e em quasi todos de persiguição fui sempre tão claro, e tão singello o meu procedimento que apezar do artefficio dos émulos não houve nunca lugar de me ocasionarem esta última ruína.

Onde se achará, Snr. no mundo um máo que assim saiba, e assim possa reprimir a sua malícia? E por que se não acabará de crer que é bom, quem por tantas obras, e por tantos annos o tem mostrado?

Que maldade não commette quem contra um proceder tão justificado pretende oppor sombra de maliciosos pensamentos?

Dou todos por testemunhas da moderação com que levo meus trabalhos.

Acaso ver-me enterrado vivo, no melhor da minha idade, quando podera esperar possuir o que vejo desperdiçar aos outros, tirou alguma hora de mim uma só queixa, uma só palavra impaciente?

Vendo encaminhar a uma total ruina a minha justiça, e tendo por certo havia pessôas, que folgariam de m'a não achar, e chegando a tanto, que m'a não acharam, foi por ventura tamanha causa bastante para que eu quebrasse estes cadeados de bons respeitos que voluntariamente havia lançado em minha própria bôca?

Cancei a V. Majestade alguma hora, com petiçoens de melhoras, ou alívio de prizão, senão que padecendo meus males, e trabalhos, me acomodei sempre de tal sorte com a prisão que V. Maejstade me assignou que já pode ser que pela conformidade com que a levava, houvesse quem d'essa temperança quisesse fazer artefficio.

Ouviu alguém o meu nome antes de agora pelos tribunaes, accusado de algum delicto?



Esta observação é um dos incentivos que mais estimulla a meus contrários a fazerem hoje contra mim todo o esforço da sua malícia.

Sabem, que livrando-me Deos desta accusação, não acharam, nem acharão outra em que poderem empecer-me.

Prezentemente deixei de valer-me da intercessão dos Principes Palatinos, com quem tinha algum conhecimento de Inglaterra, e da Rainha sua mãe, e irmãos quando me achei em Olanda, sendo de alguma maneira imitado com sua auctoridade para esse effeito, só por não me parecer justo opprimir as resoluçoens de V. Majestade com extraordinárias diligências.

Desejava, e desejo de alcançar o benefício de que necessita a minha fortuna; ou da grandeza de V. M. ou da virtude da minha justiça.

Mas se depois de tão vivas razões particulares, podem ter lugar as communs, por singular favor peço a V. Majestade se sirva de mandar ouvir o que ácerca da minha causa, procedimentos, e pessoa, diz o povo, de quem se affirma por sua boca falla Deos.

Mande V. Majestade ouvir os soldados, os virtuosos, os amigos de letras; ouça V. Majestade os bons, como melhores que são e mais dignos de serem ouvidos, e de serem criados dos príncipes, ouçam-se aquelles em cujo poder estou ha seis annos. Mande-se V. Majestade de todos elles informar ácerca de minha vida, ditos e feitos: mande V. Majestade contar o número de meus amigos, e de meus inimigos.

Que artefício será aquelle que tanto saiba fingir? que indústria a que tantos se recate, e a todos engane?

Não é, Senhor, mais próprio, mais prudente, e mais christão discurso, intender que erram um ou dois primeiro que tantos? que se enganam os poucos antes que os muitos? E que podem fingir os inimigos aquillo que não podem fingir todos?

Um anno inteiro estive preparado para haver de ir ao Brasil (como se entendia): não foi V. Majestade servido que assim fôsse. E com mever ficar incertamente, haver gastado e ter perdido o pouco que tinha de meu nem por isso fiz a V. M. alguma lembrança; não se ouviu que eu neste caso me queixasse mais da minha fortuna.



-Era obrigado a crer e sem dúvida cria, que no real peito de V. Majestade, se tinha tomado comigo resolução justa, e conveniente.

Seria grave crime meu, se sabendo (como sei) se não esquecesse V. Majestade das verdades que aqui refiro, esperasse da sua real mão, menos que uma deliberação em tudo de V. Majestade, como de V. M. hade ser; e eu por essa a heide seguir, e venerar.

A' vista desta modéstia, e quando cuidava me entrava a clemência pelas portas, e o fim dos trabalhos padecidos, me vejo de novo apertado, e opprimido, donde é bem para sentir mais a causa, que o effeito.

A confusa notícia que se me deu dos motivos desta novidade é haver V. Majestade tido aviso, de que eu pretendia uzar mal da confiança que de mim se fazia nesta prisão, e eu não desmereci, enquanto se passam quatro annos que a gozei; nem por algum excesso dei causa a reprehensão, ou arrependimento de quem de mim a fazia.

Differentes sobresaltos, mais urgentes perigos, tinha padecido minha justiça em todos os tempos passados, e em outros ânimos, que não eram o de V. Majestade, e mais fiei e tanto della, e do meu ânimo, que por nenhuma contigência me veio tal modo de remédio ao pensamento.

Pensamentos difficultosos são de provar; mais só as obras tem por seus fiadores; o que tenho obrado servirá de provas ao que tenho desejado.

Está hoje minha causa só pendente do arbítrio de V. Majestade, e ainda que essa razão me podia ter animado a lhe esperar bom successo, muito maior é a esperança que nasce das demonstrações, sendo V. Majestade, servido de responder ao secretário do expediente, quando delle recebeu a carta de el-Rei christianíssimo, me assegurasse (como me assegura) se informaria V. Magestade com o mais favoravel voto dos Accessores, ainda que esse fosse o único.

Esta própria luz observaram sempre da clemência de V. Majestade todos os ministros e pessoas grandes, que de mim compadecidos, offereceram a V. Majestade como bons vassallos a lembrança da minha causa, por digna matéria, em que podessem exercitar-se a grandeza e piedade com geral agradecimento.



Quem seria logo tão sem fé, e sem juízo, que a vista d'esta real promessa, e d'estas benignas demonstrações houvesse de acobardar-se?

Como quereria perder aquelle mérito, que se tem por adquirido sem dúvida, em o passado soffrimento? O desconto do que padeci em seis annos de prisão, a que as leis, a razão, e a piedade tanto olham, que o reputam por uma grande parte do castigo.

Não havendo V. M. por bem de me mandar ao Brasil, como se dizia cuidava justamente, podia intender que V. Majestade como rei, senhor, e mestre nosso, se movia a ter maior compaixão de meus trabalhos, e não vinha em querer se me dilatassem em um tão remoto desterro.

Como se conforma esta esperança, tão justamente fundada, com a desesperação de que, sem alguma causa, fui calumniado?

Prezentíssimo é a V. Majestade, como nestes mesmos dias, attentos os grandes apertos, e faltas de fazenda em que me vejo, fiz rogar instantemente a V. Majestade, e instantemente da minha parte, pelo conde de Redondo, e depois pelo padre António Vieira, fosse V. Majestade servido de me mandar passar desta torre ao castello de Lisbôa.

Foi esta pertença tanto nos próprios dias em que a V. M. parece se devia dar avizo de movimento ( ou por melhor dizer de meus inimigos) que juntas recebi as novas de que a V. Majestade estava proposta a mudança de minha prisão; e de que V. M. ordenava fosse apertado nesta.

Foi sem falta, misericórdia, e providência de Deos (que aos injustamente perseguidos não desampara) guardar-se para este tempo esta calúmnia; por que fosse ella mesmo quem por minha parte a convencesse.

Por que, Senhor, em que entendimento cabe, e pode ter entrada, que nos mesmos dias em que a V. M. disseram tratava eu de aproveitar-me das commodidades deste lugar, para me sair d'elle, estivesse, eu com repetidas instâncias nestes mesmos dias pedindo a V. M. me mandasse tirar d'aqui, e para parte donde parece que de todo se ficára impossibilitada a execução de tal pensamento, quando em mim o houvesse?

Bem creio não duraria no ánimo de V. M. o credito desta suspeita, (quando por minha desgraça o houvesse havido) mais que o que chegasse á memória de V. M. esta lembrança.



Eu deixei prêmios para vir buscar a V. M., entreguei-lhe por eleição, e por amôr a liberdade que possuia: nada disto se mudou, nem mudará em toda a vida, por quanto nas pessoas de juizo, e christandade, o castigo não induz desafeição da parte de quem o dá, nem da parte de quem o recebe: castiga o bom pai, e o bom senhor. e o que o não é deixa viver sem castigo ao filho, e ao súbdito, como que se lhe dá pouco da sua perdição.

Se eu o merecesse, e V. M. me castigasse, ânimo e juizo me deu Deos para o saber agradecer; se o não merecesse e V. M. me castigasse ânimo e juizo me deu Deos para saber discernir as acçoens de V. M., das de meus inimigos; e conhecer que sua malícia delles inexcusavelmente abrigaria em vez de justiça a que contra mim se fizesse qualquer severa demonstração.

Tenho inimigos descubertos, e incubertos, sabe-o, conhece-o, e conhece-os V. M. Tomo a Deos por testemunha de que não mereço ódio de nenhum, nem de ninguem. Todavia não descançam de fulminar meu damno. Não me val para com elles, o calar e o soffrer; mas para com Deos, e para com V. M. muito espero que me valha.

Verem que V. M. se detem, em consentir a ruina que elles me desejam, é um novo estímulo, que está concitando a mais crueis effeitos sua ruim vontade.

Conhecerom, que já aqui não tinham outra alguma causa, com que criminar o meu procedimento; inventaram esta, por ser a causa que mais levemente se deve crêr de um prezo, o desejo da liberdade; sem saberem medir, que ella para mim por este meio era mais dura que a prizão e desterro, pois me negava a esperança, que não perderei nunca, alcançar algum tempo, a graça de V. Magestade, e o suave repouso da pátria, que sobre todas as felicidades, é desejado dos homens.

Senhor, castigando-me V. M., perdoando-me, mandando-me para os fins da terra, tendo-me nelles, eu sou, e serei dos mais fieis, e verdadeiros vassallos dos que V. Majestade amam, e ebedecem.

Aquelle que nunca faltou aos homens com a verdade, nunca enganou amigos, e conhecidos, nem ninguem do mundo, este tal, senhor, é certo que tem feito largas provas para não haver de faltar a seu senhor, e a seu rei, a quem se deve



mais verdade, a quem se teme mais, e de quem mais que dos outros se espera e depende.

Mostrará o tempo o que prometto; verá V. Majestade: saberão estes reinos se Deos me der vida, se V. Majestade m'a deixar empregar em seu serviço, que castigado, desprezado, e cheio de trabalhos procedo tão alegre, e tão constante em minha obrigação, como aquelle que mais possui favores, e prémios.

Espero, já que no estado próspero não pude obrar de sorte que deixasse de parecer digno de castigo, que no estado de minha miséria obre de maneira, que a todos pareça digno de lástima, e perdão.

Occasioens passadas houve, em que muitas vezes offereci a V. Majestade o sangue, e a vida, que é sua. E assim como aquelle que deve lhe não é lícito escusar-se de pagar sua dívida, a quem e aonde lhe manda seu acreedor; assim tambem ao bom vassallo, não é lícito escuzar de dar sua vida na parte, e como lhe manda seu senhor.

Isto conheço; isto promulgo. Isto protesto fazer. (1)

## GLOSSÁRIO

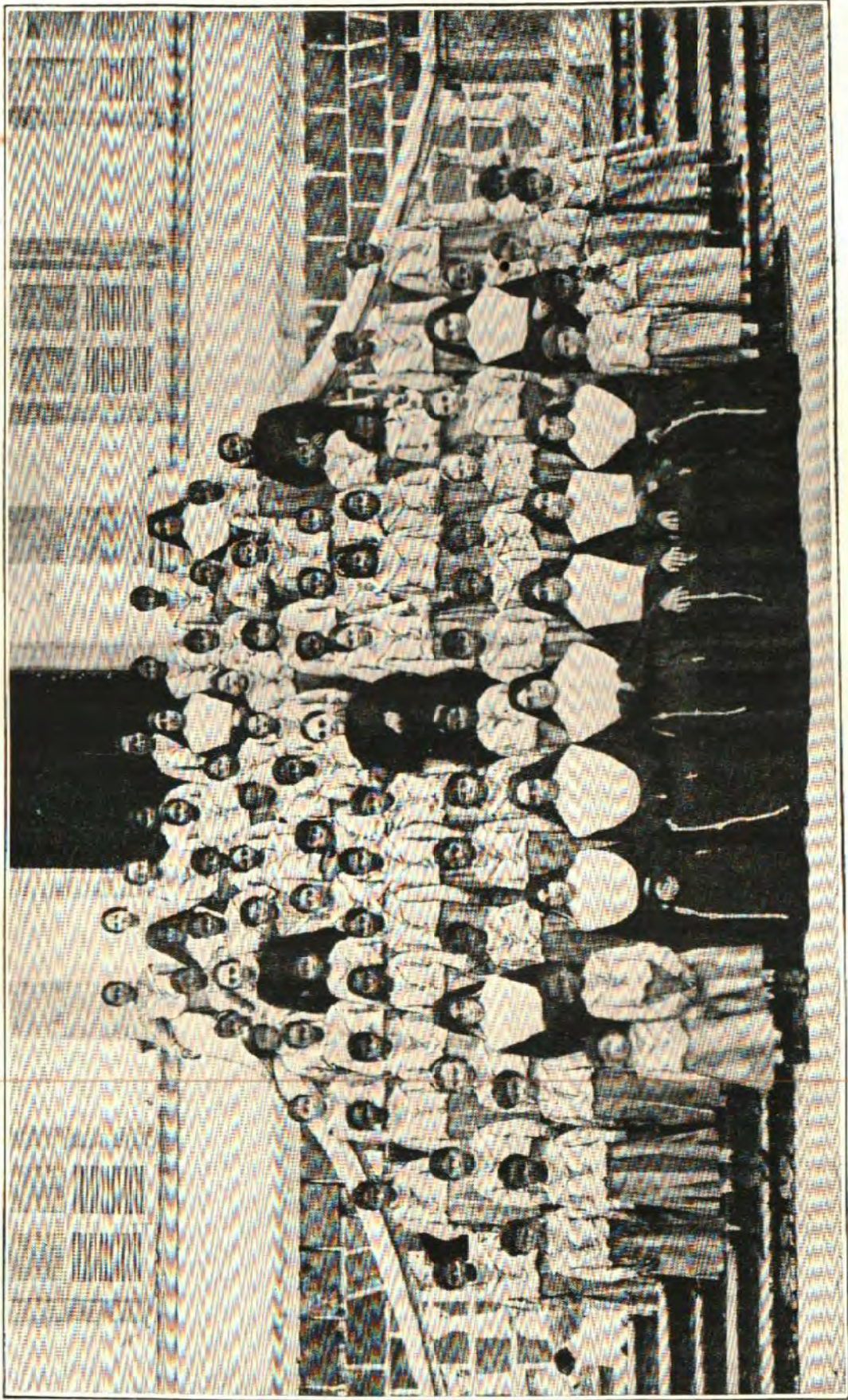
**Acredor**.... S. m. forma antiga de *credor*, posta em circulação pelo uso, então, reinante do emprego da prótese. Cf. *atambor*, *alevantar*, etc.—BLURAU diz preferir *credor*, e explica: “he melhor linguagem; porém não faltam authores cultos que tambem digam *acredor*. (Voc. vol. 2.)—VERBO não no alphabetou no seu famoso *Elucidário*.

**Vindicador**—S. m.—o mesmo que vingador.

---

1) MEMORIAL A EL-REI D. JOÃO IV. in *Carta de Guia de Casados*, pags. 29-41, ed. 1898.





Corpo dirigente e alumnas do Instituto do Prata





# História da Terra

(DE L. BROTHIER, trad. especial para a Revista)

## LIÇÃO VII

### Oitava, nona e décima épocas

Após o grande movimento de deslocação que alevantou uma parte do terreno do Jura, novos depósitos sedimentários recommçaram a se formar. Mas d'onde poderiam provir os seus elementos? Não era certamente das águas do mar, que, havendo depositado, durante séculos, as matérias que continham, deviam de já se acharem límpidas. D'onde vinham pois os calcáreos que se vão depositar entre as camadas de um novo systema de terreno? Não se pretenderá dizêr que se houvessem modificados os terrenos formados e dissolvidos pelas águas depois de cada cataclysmo; porque, se assim acontecesse, todas as formações apresentariam invariavelmente fendas numerosas, ou pelo menos, os diversos elementos dos terrenos, modificados pelas águas, ter-se-iam depositado sempre por ordem de densidade, e não veríamos, na mesma formação, argilas repousando sobre areia ou, como acontece no terreno hulheiro, calcáreos mui pouco densos collocados sob pedras liozes compactas e pesadas.

Os geólogos, certos de ante-mão, de não a poderem resolver, nem mesmo se propuzeram esta questão. Para elles, realmente, a água e a terra são coisas mortas, submissas exclusivamente ás leis da physica, leis que até um certo ponto, podem explicar os movimentos dos corpos, sendo, no entanto, radicalmente impotentes para explicar o seu desenvolvimento.

Em alguns pontos, notadamente na Inglaterra, os novos depósitos começaram por camadas de calcáreo, de areia ferruginosa e de argila. Provêm elles, em grande parte, das alluviões formadas pelos rios, como o provam as conchas d'água doce que elles contêm: e assim sendo, não podem estes depósitos occupar uma grande extensão. Por sobre elles ou, no caso de falharem, immediatamente sobre o terreno do Jura, mas em estratificação discordante com elle, seguem-se novas camadas de argila, e de margas, misturadas com espessos bancos de calcáreo amarellado e caracterizado por conchas que se não encontram em parte alguma em tamanha abundância.

As camadas sedimentárias que vêm em seguida, compoem-se de margas azues, de areias e pedras verdes que servem de base a certa greda pintada



de manchas verdes, e que por este feito, foi com a continuação, denominada greda verde ou greda chloritada; por sua vez é ella recoberta por uma outra greda esbranquiçada assás compacta á qual se deu o nome *greda tufácea*, ou *greda de tufo*.

Nestas últimas camadas foram encontrados os dentes de um animal que devia de ser uma espécie de tubarão, e que não mediria menos de 25 metros de comprimento.

Parece que depois da formação do terreno *cretáceo* inferior, alguns movimentos de deslocação se fizeram sentir; pois em diferentes pontos suas camadas não são paralelas ás dos depósitos subsequentes; não passou isso, no entanto, de um accidente inteiramente local que não nos póde impedir de considerar os terrenos *cretáceos*, *inferior* e *superior*, como pertencendo á mesma formação.

O terreno *cretáceo* superior é formado por bancos mui resistentes de calcáreo terroso, ou por greda argilosa, algumas vezes. Além de enorme quantidade de conchas ordinárias, esta greda contem tão prodigioso número de foraminíferos, que parece por elles ser formada. Os foraminíferos são conchas marinhas microscópicas e das quaes as maiores attingem no máximo dois millímetros de diâmetro; delles já se conseguiu distinguir mais de oitocentas espécies diferentes. Quantos desses pequeninos seres não seriam precisos para que os seus residuos accumulados formassem bancos de greda de longuíssima extensão, e com uma espessura frequentemente superior a dez metros?

Na parte superior, a greda é mais consistente e por ser mais grosseira, mais se aproxima dos calcáreos ordinários. Este calcáreo contem conchas fósseis de estranhas fórmas, entre as quaes citaremos as *nummulitas*, que se assemelham a moedas de cobre de variados modelos, e cuja superficie fosse finamente lavrada. Com este calcáreo de *nummulitas*, é que foram construídas as Pyramides do Egypto:—tambem no meio da greda arenosa que em alguns pontos cobre ou substitue esse calcáreo, foram encontrados, em Maëstricht, os destroços de uma cabeça, com uns temíveis dentes de 1<sup>ra</sup> 50 de comprimento. Esta cabeça que muito preoccupou os sábios, foi classificada como devendo de ter pertencido a um gigantesco crocodillo.

O terreno *cretáceo* contem gypso, sal marinho, silex, mineraes compostos de enxofre e de ferro e sobretudo contem *lignite*. A *lignite* é uma espécie de hulha imperfeita, na qual os tecidos lenhosos dos vegetaes são mui facilmente reconhecíveis. Emprega-se com resultado, este combustível, nas usinas. Algumas lignites, compactas e dotadas de brilho particular tomam o nome de azeviche e servem para a fabricação de enfeites negros lustrosos.

Por sobre o terreno *cretáceo* não mais se encontram nem *ammónitas*, nem *blemnitas*, o que basta para nos dar a certeza de que a formação do terreno que estudamos não é anterior á época de trias nem posterior á da greda. Têm pois razão os geólogos em considerarem as conchas fósseis como medallas commemorativas das grandes revoluções do globo.



Foi o alevantamento do terreno cretáceo uma das crises mais violentas por que atravessou a Terra.

Formaram-se então, surgindo do sêio das ondas, os Pyreneos, os Apeninõs, os Alpes, os Balkans, que repelliram as águas violentamente, dando logar a espantosos dilúvios.

Quando a calma se restabeleceu, grande parte da Europa ficou com os seus terrenos inteiramente sêccos, e do alto das montanhas que acabavam de se alevantar, caudalosos rios começaram de se derramar

Os sedimentos que se depositaram depois dos grandes factos cujos principaes effeitos acabamos de descrever, não foram todos da mesma natureza.

O terreno cretáceo, que permanecia ainda deslocado e revolvido no fundo dos mares, foi coberto pelas alluviões de água doce compostas de uma argila plástica de grande pureza, que explorada em Montereau, é empregada no fabrico de uma louça de barro finissima. Sobre esta argila, depositou o mar espessos bancos de calcáreo grosseiro, com o qual são construídas as casas em París e que contem quantidade considerável de conchas e sobretudo de foraminíferos.

Emquanto esse calcáreo se formava sob as águas, bem no fundo dos mares, fontes abundantes depositaram o gesso que comsigo arrastavam, enquanto outras correntes, carregadas de matérias siliciosas formavam depósitos de *moleiras*, espécie de pedras sem conchas, exploradas para a confecção das mós dos moinhos. O calcáreo, o gesso e a pedra moleira, provindo de origens differentes e sendo de simultâneas formações, sabe-se que as suas camadas não conservam entre si uma ordem regular e que, frequentemente, no logar do calcáreo é o gesso ou a moleira que se encontram directamente sobre a argila, ou até mesmò sobre o terreno cretáceo. E' esta a grande razão por que, apesar dos bellos trabalhos de Cuvier e de Brongniart, apresenta ainda tantas difficuldades, o estudo de terreno parisiense.

A' época em que se formou este terreno, que em se levantando, deu á Europa mais ou menos a sua configuração actual, a vida vegetal e animal tomou largo desenvolvimento. Os vegetaes que até então cobriam o solo, pertenciam todos a espécies inferiores, mas nessa época as palmeiras formaram verdadeiras florestas, mesmo em regiões que de nossos dias são mui temperadas, e que gozavam então de uma temperatura mais alta. Nesse tempo, e pela primeira vez, appareceram os dicotyledóneos, isto é, árvores mais ou menos análogas aos carvalhos e aos olmos actuaes.

Numerosas conchas, inteiramente novas e das quaes algumas espécies subsistem ainda em nossos mares, substituiram as conchas muradas que, salvo raras excepções, não mais encontraremos senão em estado fóssil.

Os répteis disformes do antigo mundo desapareceram; monstruosos crocódillos existem ainda, mas já modificados, semelhantes aos que actualmente povoam os rios da Africa. As espécies dos mamíferos, té essa época restrictos a alguns cetáceos, e animaes semelhantes ás sarigueias australianas, multiplicaram-se, aperfeiçoando-se. E' geralmente sabido que foi na pe-



dra de gesso dos arredores de Paris, que se encontraram as ossaturas dos grandes mammíferos, cujos incompletos esqueletos foram genialmente recompostos por Cuvier. O *anoplotérium*, esboça conjunctamente o asno e o carneiro, o *paleotérium*, meio cavallo e meio tapir, deixaram nas camadas deste terreno os seus restos misturados aos de numerosos répteis e de enormes tartarugas.

Nessa época era a terra povoada por mastodontes, enormes herbívoros análogos ao elephante; havia o *dinothérium*, gigantesco tapir, armado de defezas curtas e temíveis; vinham depois os rhinocerontes, os hyppopotamos, os castores, e emfim os macacos, todos mais ou menos iguaes, algumas vezes inteiramente idénticos ás espécies que de nossos dias occupam a Terra.

Foi nesse último período de calma que desapareceu tudo o que restava dessas raças animaes, que podem ser consideradas como esboços de criações mais aperfeiçoadas: e no entanto para a época em que viveram, foram ellas perfectas, e perfectamente adaptadas á terra lodosa que pisavam e ao ar sobrecarregado de ácido carbónico que respiravam: naturalmente ellas pereceram quando não mais se encontraram em harmonia com o meio que habitavam, isto é, quando o ar se tornou mais puro e a Terra menos húmida.

Todos os mammíferos que viveram nas primeiras épocas eram herbívoros; mais tarde surgiram os carnívoros: ursos, lobos, hyenas e cães.

Só depois da Terra haver entrado no grande período de calma de que ainda hoje gozamos, é que o *homem* appareceu no mundo, e tomou posse da Terra. Com ser esta a época do apparecimento do homem estão todos os sábios accórdes. Uma das razões de se não aceitar outra hypóthose é que nunca foram encontrados *homens fósseis*. Depois da vinda do homem sobre a Terra nem mais um terreno se formou: e prova esta asserção o facto de se não encontrar esqueletos humanos, quer embaixo das camadas antigas, quer sob as mais recentemente formadas. Tão pouco se achou o menor vestigio da vida ou industria humana. Sendo elle o mais perfeito dos habitantes da Terra é tambem o mais novo.

Os primeiros homens não habitaram um paraíso, um jardim de delicias: fracos e nus, não poderiam existir e se multiplicar se a temperatura não fosse mais suave e mais regularmente temperada do que a dos nossos dias. Obrigados constantemente a se defenderem dos ataques dos animaes ferozes, não poderiam viver, se a rica vegetação de então lhes não offerecesse grosseiros, mas abundantes alimentos.

A idade de ouro da humanidade foi uma época de misérias, e a idade de innocência um período de brutalidade. Se a tradição se apraz em gabar essa época prehistórica, é por ser ella obra da velhice, e que é próprio dessa idade gabar os tempos que se passaram. Mas devemos abandonar estas velhas fábulas de perfeição primitiva, e sómente admittirmos e comprehendermos que a humanidade seja feliz progredindo sempre.



# Livros escolares

Uma grammática adoptada.  
Processos de análise.

Voltamos hoje de novo á seria e importantissima questão da adopção de livros nas escolas públicas do Estado. Essa questão para muitos parecerá de somenos importância, principalmente para aquelles que vizam somente o interesse material, sacrificando em absoluto o interesse moral, interesse da escola, da aprendizagem, da cultura da infância e do futuro da pátria. Não cansaremos nunca de combater em prol do aperfeiçoamento do ensino público, condemnando tudo quanto lhe fôr subversivo, mesmo que tenhamos de entrar em luta em defesa dos nossos ideaes contra o empenho e o lucro de quem quer que seja.

O nosso fito é unicamente trabalhar com dedicação e com amor em beneficio da causa sagrada que faz a felicidade dos povos, da grande causa sempre momentosa da instrucção pública.

Um livro mal escrito, onde ha gravissimos attentados ás normas grammaticaes da lingua, um livro mal feito, uma verdadeira mercadoria avariada, é mais prejudicial certamente que um professor ignorante.

Este se reduz aos seus acanhadissimos conhecimentos, ao passo que o livro mau, o livro errado fere de face as disciplinas da grammática e autoriza a criança a adquirir grosseiros vicios de linguagem e lastimaveis erros de grafia, que vão infelizmente se perpetuando de geração para geração. É certo que nem todos os professores se dedicam, como era de esperar, ao estudo da lingua que ensinam.

Reduzem-se lastimavelmente ás lições do compêndio. Imaginemos agora que lucro poderá tirar o ensino público ministrado através de um compêndio escrito em péssimo português.

Por acaso nos veio á mão *A Grammatica Portuguesa* do Sr. Verissimo Vieira.

Fizemos uma leitura calma e precisa deste livro e tivemos delle a maior desilluzão. Na quinta lição dessa *Grammatica* apparece a classificação das palavras quanto ao número de syllabas de uma forma illógica, como vamos verificar: *monosyllabo, disyllabo, trisyllabo e polysyllabo*.

Este erro é reproduzido tambem por grammáticos que não têm mais o direito de cometer semelhantes attentados.

Como sabemos, as palavras quanto ao número de syllabas



dividem-se em *monosyllabos* e *polysyllabos*, subdividindo-se o *polysyllabo* em *disyllabo*, *trisyllabo*, *tetrasyllabo*, *pentasyllabo*, etc.

Logo adiante, na sexta lição, o Sr. Veríssimo tem esta frase: *A falta de vento fez com que muitas embarcações ficassem por largo tempo immoveis nas águas tranquillias da bahia.*

Parece incrível que ainda se ignore a significação do verbo *fazer* e parece ainda mais incrível que um grammático dê a um verbo transitivo directo, como é e sempre foi o verbo *fazer*, um objecto ou complemento regido de preposição, quando não se trate de um caso emphático!

Em seguida o Sr. Veríssimo apresenta a oração dividida em nove partes, fazendo do *artigo* uma dessas partes. Perguntamos nós: O *artigo* por acaso não é um adjectivo?

Respondam os sábios da escritura...

O mesmo grammático divide o artigo em *definido* e *indefinido*.

Francamente não sabemos por que e em que razão se firma esse preceito. O artigo tem como funcção individualisar os seres, isto é: torna-os definidos. Entre *o* e *um* ha profunda differença. Quando dizemos: *veio aqui o homem*, é tão differente de quando dizemos: *veio aqui um homem*.

E' que o articular *o* positiva o facto, individualiza, ao passo que *um* determina o individuo de um modo vago e com uma ideia de número. Só ha, portanto, um artigo: *o*, que tem as suas variações, *a*, *as* e *os*. Quando trata dos adjectivos, declara que *os que significam nacionalidade chamam-se patronimicos ou gentilicos*. Pensamos que ha aqui um profundo engano.

*Patronimicos* propriamente são os que se derivam de nomes próprios, como *Bernardes* de Bernardo, *Vasques* de Vasco, etc.

Tratando dos pessoaes, diz o Sr. Veríssimo que os da primeira pessôa são *eu*, *me*, *mim*, *migo*, no singular, e *nós*, *nos*, *nosco*, no plural.

Discordamos completamente desta lição do profundo grammático, porque *eu* e *nós* são pronomes pessoaes, mas *me*, *mim*, *migo*, *nos*, *nosco*, são meras variações destes pronomes.

Deixemos por aqui a primeira parte da *Grammatica* do Sr. Veríssimo e vamos á segunda. Lá encontramos logo esta theoria: *Chama-se proposição composta aquella que é formada de duas ou mais proposições simples*.

E para reforçar isto, apresenta-nos o seguinte exemplo: *Este livro é o premio que alcançaste hontem quando fizeste exame*.

E' admiravel este exemplo de proposição composta!

Que nos conste pelos bons grammáticos, a proposição composta é a que se fórma de vários sentidos absolutos coor-



denados entre si. Ora, com o exemplo do Sr. Veríssimo ha trez orações, e dellas só a primeira fórma um sentido absoluto, porque é a principal, porquanto as outras são meras subordinadas, que inquestionavelmente não equivalem nunca a uma oração principal, isto é: a um sentido absoluto.

O exemplo de Verissimo é uma simples proposição complexa ou ampliada. Mais adiante se lê: *Toda proposição simples consta de duas partes principaes: sujeito e predicado.*

Não é tal. A regra é esta: *Toda proposição consta de dois elementos essenciaes: sujeito e predicado.* Mais adiante: *As proposições simples que formam a proposição composta são de duas espécies: proposições coordenadas e proposições subordinadas.*

Enganou-se de novo o Sr. Verissimo. Não ha proposição composta de subordinadas. A theoria lógica é esta: *As proposições simples e complexas que formam as compostas chamam-se coordenadas,* de onde deduzimos que não ha composta por subordinação, porque as orações subordinadas não podem equivaler ás principaes. Vamos agora vér o processo de anályse usado pelo Sr. Verissimo.

Em letras cheias no apêndice da *Grammática* o Sr. Verissimo diz: *Anályse grammatical e lógica.*

Confessamos o nosso espanto, porque nos parece racional que toda anályse feita dentro dos preceitos da grammática só pôde ser grammatical.

Este grave defeito, no entanto, não é só do Sr. Verissimo: cultivam-no inúmeros professores que vão passando ás pobres crianças essa redondissima potoca. O que ha logicamente é anályse taxionómica, que é um ramo da anályse lexiológica, e a que imprpropriamente dão o nome de anályse grammatical, e anályse lógica, que é um departamento da anályse syntática.

Como exemplo de proposição composta por coordenação o Sr. Verissimo dá-nos o seguinte exemplo: *Aquelle intelligente rapaz fez um excellente exame e alcançou o primeiro premio.*

Isto é, de facto, uma proposição composta. O que nos causou espécie, porem, foi esta declaração que vem logo em seguida: *A primeira proposição é—aquelle intelligente rapaz fez um excelente exame; é principal, porque não está dependente de outra.* Não concordamos absolutamente com este pensamento. No citado exemplo ha duas principaes, duas coordenadas simples, syndéticas. Ambas se equivalem, porque ambas têm o mesmo valor.

No modelo número 3 encontramos: *Cumprê que não te esqueças das observações que te fiz; tu dirás que assim procedes, porque assim te recomendei.*

Diz o grammaticólogo que aqui temos uma composta por subordinação.

Desta vez cahiu-nos o cigarro da boca.



No exemplo acima verificamos uma proposição composta de duas coordenadas asyndéticas, complexa e nada mais, como vamos demonstrar: Primeira coordenada—*Cumpre que não te esqueças das observações que te fiz.*

Principal—*cumpre.* Sub. subst. subjectiva—*que não te esqueças das observações.*

Sub. adjectiva pronominal-relativa—*que te fiz.*

A segunda coordenada contem uma principal e uma subordinada adverbial de causa.



Incontestavelmente o ensino da análise portugueza nas nossas escolas é deficiente, incompleto e cheio de perfeitos absurdos.

Temos verificado que desde a escola primária até mesmo á escola normal, a análise não passa de *substantivo appellativo* ou *próprio*, de *adjectivo determinativo* ou *qualificativo* e de misturada dos pronomes pessoais com as respectivas variações, de modo que o alumno não tem noção do *abstracto* ou do *concreto*, do *simples* ou do *composto*, do *primitivo*, ou do *derivado*, do *explicativo* ou do *restrictivo*.

No terreno da análise syntática temos então muito que corrigir e aperfeiçoar. Anda por ahi uma balbúrdia filha da incompetência, que é desgraçadamente prejudicial ao ensino da análise portugueza, que já devia ter chegado á sua completa perfeição.

Não desanimamos ainda e tudo esperamos dos encarregados do ensino público.

Teodoro Rodrigues.





## CURIOSIDADES SCIENTÍFICAS

### A vida no fundo dos mares.

Ha poucos annos ainda, pensava-se que muito ao fundo do mar não existia vida: tudo alli era deserto. Esta idéa baseava-se em tres factos importantes: 1º a partir de 200 metros de profundidade apaga-se inteiramente a luz solar; 2º abaixo de 400 metros a vegetação desaparece completamente; 3º a pressão da água no fundo do mar augmenta em consideráveis proporções. Como se poderia manifestar a vida em tão desfavoraveis condições de existencia?

Em 1861, trouxeram ao Sr. Alph. Melne-Edwards, um fragmento de cabo mediterraneo, que se havia arrebetado numa grande profundidade; examinando-o attentosamente, o sábio professor do Museu encontrou em sua superficie uma multidão de animaes, desconhecidos na maior parte. Sua communição á Academia das Sciencias teve consideravel repercussão, pois que vinha demonstrar peremptoriamente que a vida existia em lugares onde já se a julgava morta. D'aí a explorar a profundêza do mar, havia um passo a dar; deu-o a Inglaterra em primeiro lugar. As expedições do *Blake* e do *Challenger* trouxeram tão interessantes e consideraveis materiaes, que a França, a quem se devia a descoberta do caminho a seguir, tambem se interessou vivamente pelo resultado final. Sob o vivo impulso do Marquez de Folin e dos professores do Museu, o ministro da Instrucção publica, em 1880, pôs a disposição dos exploradores o aviso *Trabalhador*. A primeira exploração teve logar no golfo da Gasconha, a segunda (1881), no Mediterrâneo e nas costas de Portugal, a terceira (1882) nas costas da Espanha, do Marroco e das Canarias.

O *Trabalhador*, não podendo tomar senão pequena provisão de carvão, só convinha para as expedições pouco demoradas. Por isso fretou o governo o *Talisman*, que foi mais longe que o seu predecessor, isto é, visitou as costas do Sudan, as ilhas do Cabo-Verde, o mar das Sargaças e os Açores. Citemos ainda, as explorações particulares dirigidas pelo príncipe de Monaco, na *Andorinha* e na *Princeza Alice*, e teremos quasi completa a lista das pesquisas submarinas. Apezar do seu número relativamente restricto, deram essas explorações magníficos e encorajadores resultados.

Antes de darmos rápido escorço dos animaes que vivem no fundo dos mares, é interessante de examinar qual o meio em que vivem e as suas condições de existéncia.

Antes de tudo, os animaes destas profundas regiões têm



de supportar uma enorme pressão, pois que 10 metros d'água correspondem a uma atmospherá. Frequentemente acntecia, nessas expedições, que os peixes trazidos pela draga espocavam ao chegar ao vapor: este accidente era devido ao desenvolvimento de gazes interiores, por causa da differença de pressão exterior: em muitos, a bexiga nadatriz saía pela boca.

Assignalemos tambem que muito profundamente no mar, a luz não penetra e de conseguinte tudo o que aí permanece vive mergulhado em quasi completa treva. Dois phenómenos interessantes estão ligados a este facto: dum lado a grande redução dos órgãos visuaes, e d'outra banda a produção de luz por várias e numerosas espécies: não recebendo raios luminosos do mundo exterior, fabricam-n'os por si mesmos para poderem lobrigar os animaes que lhes servem de alimento.

As condições de existência que offerece o fundo dos mares sendo mui uniformes, a fauna abysmal é mais variada que a fauna costeira.

Um dos mais interessantes factos que hajam sido descobertos pelas expedições submarinas é que as fórmás abysmaes mostram múltiplas e variadas semelhanças com as fórmás fósseis das épocas terciária, secundária e até da primária; é de crêr que as condições de existência, se não havendo modificado, as espécies se perpetuaram nessas paragens, té aos nossos dias, sem soffrerem a menor modificação.

Dito isto, examinemos rapidamente alguns dos animaes que recoltaram as dragagens do *Talisman*, do *Trabalhador*, etc.

Entre os Protozoários, citeamos particularmente a crosta de *Globigerines*.

Os *Globigerines* são na realidade animaes pelágicos; depois de mortos os seus esqueletos precipitam-se com tal abundância no fundo do mar, que aí formam um depósito, muito espesso e conhecido pelo nome de Lodo de *Globigerines*: é sobre esse fundo de lodo que se encontram os animaes mais particularmente curiosos de fórmás, e mui ricos de espécies.

Os *Esponjosos* são abundantíssimos; entre 900 e 1.200 metros ha verdadeiros campos de esponjas, a maior parte siliciosas, e das quaes renunciámos descrever a fórma e a elegância.

Os *Echinodermes* são, de todos, os mais fecundos animaes dessas paragens. Ha, em diversos sítios, verdadeiras florestas de *Encrinas* fixas que lembram vivamente os organismos da época secundária, e cujos restos constituíram calcáreos especiaes.

Os *Brisingas* vivem desde 1.000 metros, té aos confins dos Abysmos; são estrellas do mar de múltiplos braços: maravilhas maritimas que produzem uma luz phosphorescente verdadeiramente mágica.

Os *Holothúrios* são tambem numerosos; o seu estudo revelou factos interessantes sob o ponto de vista da philosophia zoológica. Citeamos: uma das cousas que chama particu-



larmente a atenção sobre o conjuncto dos animaes, é que estes se dividem mui naturalmente em dois grandes grupos. Em alguns, como no homem, por exemplo, o corpo pode ser dividido em duas metades exactamente iguaes por um plano mediano, antero-posterior; diz-se então que elles tem uma *symetria bilateral*. Em outros, como a Estrella do mar, o corpo não é mais symétrico com relação a um plano, mas sómente com relação a um eixo mediano; diz-se então que elles têm uma *symetria raiada*. Esses dois caracteres differenciaes não são sómente exteriores como se poderia crer á primeira vista, mas repercutem em todos os tecidos e aparelhos do animal, a tal ponto, que podem ser considerados como o plano fundamental de sua organização. Esta conclusão a que forçosamente se chega, é importantíssima, pois que ella permite de affirmar ser *secundária*, e devida naturalmente á influencia do meio, qualquer derogação a esta lei.

Ora, que observamos nos *Holothúrios*? As espécies mais communs vivem nas costas marítimas escondidas embaixo das pedras; a uma pequena profundidade seu corpo tem a forma de uma linguça comprida terminada na frente pela bôca, cercada de tentaculos simples ou ramificados. Nesse cylindro notam-se cinco bandas perfeitamente iguaes e formadas por séries de espécies de sugadores, com o auxilio dos quaes o animal pode arrastar-se. O caso da *symetria raiada* não deixa a menor dúvida e o animal se locomove por qualquer lado do seu corpo.

Certos *Holothúrios*, ao em vez de passeiarem a procura de seus alimentos, vivem no lodo. Então o seu corpo se curva e toma a forma de um U; a parte média torna-se mui espessa e as duas extremidades afilam-se e emergem á superficie da vasa: é o caso do *Hypsilothúria attenuata* pescada pelo Sr. E. Perrier, a 800 metros de profundidade. Aqui o caso da *symetria bilateral* sobreposta á *symetria raiada* não deixa a menor dúvida. O phenómeno é mais curioso ainda na *Rhopalodina Heurteli*, que vive nas costas do Gabon, e que tem a forma duma garrafa cujo gargalo tivesse dois orificios.

Os vermes são raríssimos no fundo do mar.

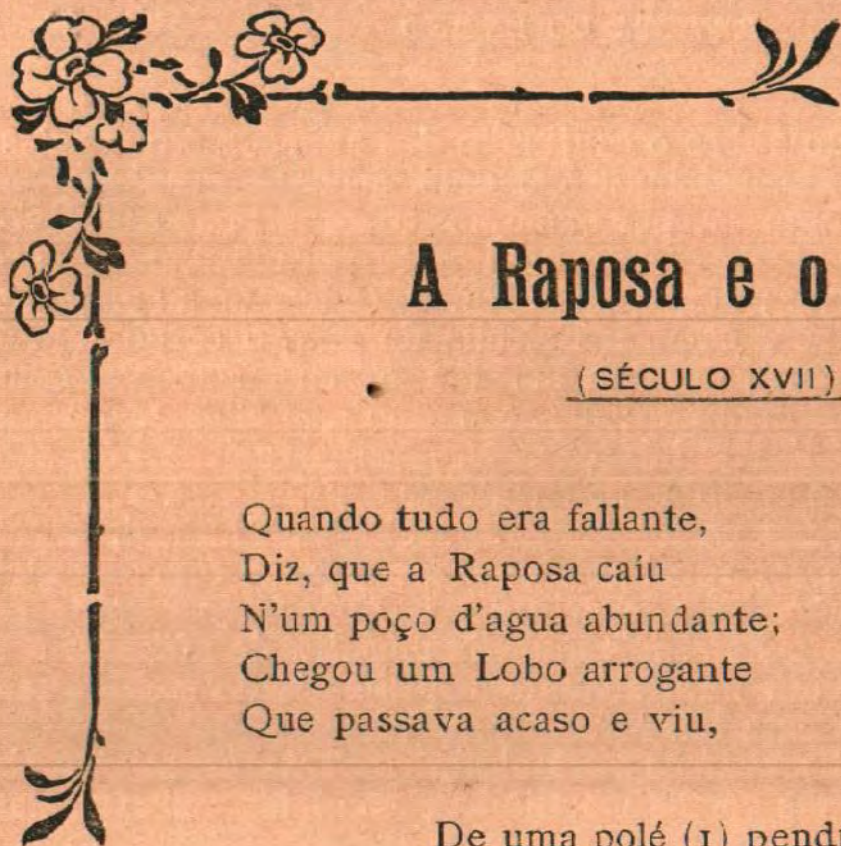
Os crustáceos são extremamente vulgares; a sua repartição geographica está sobretudo ligada á temperatura da água.

(Trad.)

OCTÁVIO GRAÇA







## A Raposa e o Lobo

( SÉCULO XVII )

Quando tudo era fallante,  
Diz, que a Raposa caiu  
N'um poço d'agua abundante;  
Chegou um Lobo arrogante  
Que passava acaso e viu,

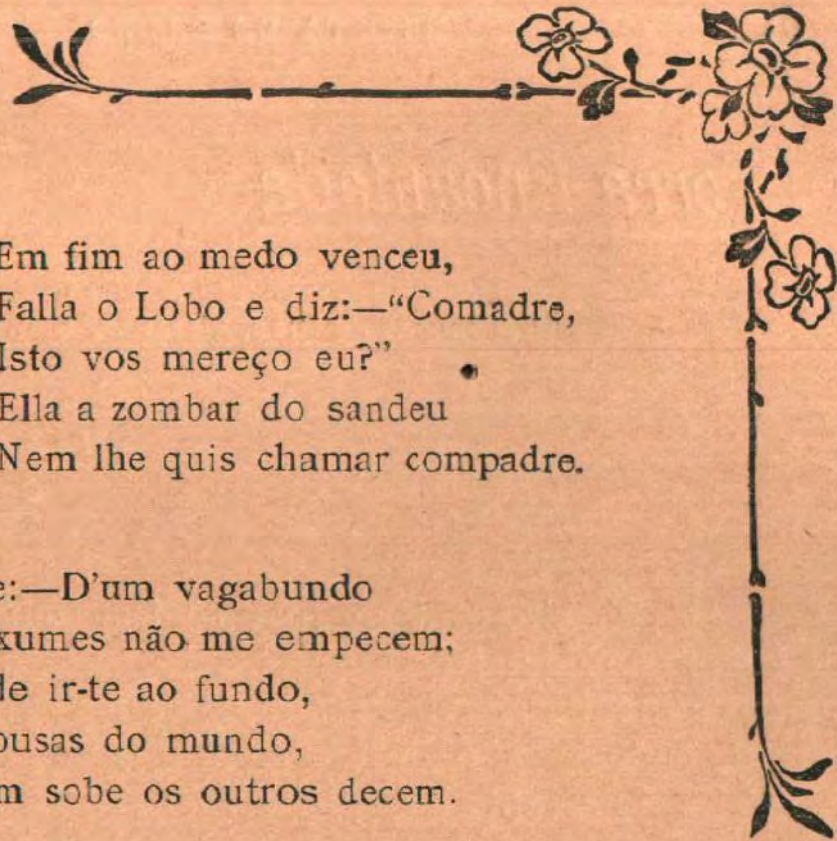
De uma polé (1) pendürava  
(Porque o poço era profundo)  
Uma corda, a qual atava  
Dois baldes; um, no alto estava,  
N'outro a Raposa no fundo.

Pois a bicha que era arteira  
Chama o Lobo e diz:—Senhor,  
Já que eu não fui a primeira  
Soccorrei vossa praceira, (2)  
Que eu sei que tendes valor.

Ora assim, sem mais profia (3)  
O Lobo que é fanfarrão,  
Já no balde se metia,  
Elle cae, ella subia  
Por uma mesma invenção.

Toparam-se ao prepassar, (4)  
E o Lobo meio caindo  
Nem lhe ousava de falar;  
Ella a rir e a arrebentar  
De se ver tambem subindo.





Em fim ao medo venceu,  
Falla o Lobo e diz:—"Comadre,  
Isto vos mereço eu?"  
Ella a zombar do sandeu  
Nem lhe quis chamar compadre.

Mas diz-lhe:—D'um vagabundo  
Teus queixumes não me empecem;  
Acaba já de ir-te ao fundo,  
Isto são cousas do mundo,  
Quando um sobe os outros decem.

Eis aqui nem mais nem menos,  
(Mais já não ha ahi mais Fraudes  
Nos estados mais pequenos)  
Por levantar dois pequenos  
Abaixa o mundo dez grandes.

D. Francisco Manuel de Mello.

[1] POLÉ.—s. f.—o mesmo que roldana; motão.

[2] PRACEIRO.—s. m.—por *parceiro* (comparte; companheiro). E' um caso de metáthese, de vulgar encontro na linguagem popular.—Transposições de vogaes, ex.: água <áuga; joelho <geolho; trágua <frauga. Deconsoantes, ex.: atormentar <airomentar; lagarto <largato; perguntar <preguntar <proguntar; Ludovina <Dulovina; bilro <birlo.

Dentre esses casos de metáthese, que explicam a transposição dos phonemas na mesma palavra,—é de notar-se, precisamente, a deslocação do I, como sendo a consoante que com mais frequencia soffre a deslocação syllabar. (cf. *Subsidios para um Dicc.* A. A. CORTEZÃO).

[3 e 4] PROFIA.—por porfia; *prepassar*—por perpassar.—São phenomenos idénticos: vêr o passo commentado.



## Terra Encantada

(Sensações de Pisa, Florença, Siena)

De Justino de Montalvão,  
ed Garnier. — Rio.

Ao primeiro contacto que se tem com a arte literária de Justino de Montalvão, surprehende-nos logo a riqueza das expressões inéditas, a virgindade de certos rythmos na frase, o raro de muitos dos contornos modelares de prosa.—Como linha esphérica dominante na esthética do artista, verifica-se, de começo, uma intensa e frequente originalidade espontânea.

Através das paisagens que Montalvão vai pintando no brilho imagista de seu estylo, *vêmos e reconhecemos* as terras encantadas, que embora não as houvessemos ainda visitado, guardamos-lhes as imagens, na memória de nossa immensa saudade intellectual.

Ha nomes que têm o prestígio phonético de resuscitar mundos. A cultura secular de nosso espirito literário nos leva a esse estranho e exclusivo amor da civilização greco-romana. E para defenir a exaltação pathética dos sentimentos, a visão algemada ás glórias impereciveis do passado, bastará lembrar a frase dum anglo-saxão, escritor de escolha, e de nomeada scientifica, Sumner Maine: "além das forças cegas da natureza, tudo que no mundo existe é grego."

Esse é fogo sagrado que nós velamos desde a adolescência cerebral, té a senilidade egoística da paixão sensual dos livros que falam dessa Antiguidade. E' a força criadora das coisas mortas.

Só um artista de qualidades mestras na arte de escrever, póde tentar peregrinação por caminhos já tanto percorridos.

Os livros de viagem são frequentes nas estranhas linguas. Em portugûês ha delles indigência.

*Terra Encantada* abre á graça sorridente de nossa esperança emotiva, a certeza de que é verdade o que sentimos pelas formosuras panorámicas d'Itália.



*Pisa, Florença e Siena* espelham-se nas páginas do romeiro-poeta; resumbram a todos os séculos de cultura latina, desde os tempos medievos, até á seducção maviosa e fantasmática da Renascença.

O livro de viagem é sempre um registo sentimental de nossa alma. Por entre as bambinellas da frase, as flabelações inquietas das cadências syllabicas, desvenda-se, de vislumbre em vislumbre, a *hora* de sinceridade do escritor, o momento em que seu ser, na incidência instantanea dum estado de *sympathia*, todo se desfolha, numa expansão extática de emotividade.

D'aí talvez a singular predilecção de ingleses, povo de psychólogos, e sensacionistas secretos, pelas descretivas de viagens.

*Terra Encantada* é um livro romântico e pagão.

E que foi toda a requintada cultura latina, senão uma hypersaturação hellênica?

O autor da *Poeira de Paris*, duma imaginação toda anacreóntica, vive no seu estylo á suggestão perpétua da música e da côr. Analysando-se-lhe a feição estructural do estylo, observa-se que o escritor trouxe na afloração de sua arte as lembranças herediethéticas de Eça e Fialho.

Sua expressão original, no entanto, toma no momento que passa, da lingua, um recamo tão vido, uma movimentação de rythmos, surprehendendo matizes novos, inflexões desconhecidas, toques mortos, que o fazem um dos grandes escritores actuaes. Sua forma é uma prolongada suggestão.

Como *chronista*, isto é como narrador célere dos successos do dia, d'outro não sei que reúna as tres qualidades essenciaes ao gênero: *movimento, côr e graça irónica*.

Parece que dentre as nações mortas, só a Itália vive na poeira do passado luminoso, animando-o com seus desejos, com as suas esperanças frementes: e toda *coroada de rosas* o poeta a recolhe, no commovido crepúsculo outonal, ao regaço de sua recordação, sob o luar da saudade.

. . . «Aqui me tens de novo, Italia-Mater, á tua porta, filho pródigo a quem a saudade deu uma ternura mais grave. Que faz que já te não vejo com meus olhos! Se me pareceres diversa d'outr'ora, são elles que mudaram, e não a tua



formosura immutavel—pois é immortal como a natureza e arte que te fizeram a mais linda d'entre as suas filhas».

«As mesmas ondas que me levaram, de novo me trazem, como as do teu destino—que é de te renovares perpetuamente».

.....

«Ao entrar em vossas portas ameaçadas, Pisa a nobre, Florença a felicíssima, Siena a feudal, não quero pensar que um dia sereis para minha saudade, tão apagadas e sem mais mysterios como todas as que antes de vós conheci.—Aureoladas d'arte, de voluptuosidade e de poesia, pelas gerações dos homens que através dos séculos vos amaram, o vosso encanto, ó cidades de maravilha, é superior ao de todos os ephémeros amores humanos, porque no vosso rosto de mármore sobrevive toda a belleza dos amores legendários.»

O religioso amor do artista pela Belleza, a par de sua erudição vasta e profunda na arte numérica do período, fazem de suas páginas um prolongado encantamento, que não é somente auditivo, mas também visual. E tudo se eleva á visão plástica, ao radiar de seu verbo. E' esta a sua característica dominante; e que é, ao mesmo tempo, a força geratriz da *descrição*.

As energias vivas dum espírito que em tudo vê o drama da sensibilidade, na angustia da volupia resaltam das páginas da *Terra Encantada*, e nos povoam duma ronda subtil de gozos espirituaes. Ao fim, quasi ao voltar da derradeira lauda, *O crepúsculo de Pisa*, *Sombras d'outr'ora*, *Ode Pagan*, *Os Coloristas Supremos*, *A amargura de Miguel-Angelo*, *Sirena ao crepúsculo*, criam individualidades moraes, aclimatam-se no nosso ambiente sensorial, e ficam, ao luar de nossa memória affectiva para sempre, como "fantasmas resplandescentes", sonhos de agonias, tristezas idyllicas, manhans dionysíacas das "terras dos nossos Deuses".

E por que do fundo mysterioso de nossa consciencia, do recato virginal do nosso ser, um desejo chammejante surge, como a vida dos abysmos oceánicos, e nos arreбата a tranquillidade, dando-nos um intendmento visionário das coisas, uma idéa esmesurada do podêr virtual da arte, como se a voz cyclópica de Miguel-Ángelo, presa das mais allucinantes inflexões, nos



chamasse, precipitando o nosso sentimento no turbilhão chimerico de suas monstruosas paixões esthéticas?

Entorno de nós, como um ritornello choral de suggestões de idêntico motivo mas de cadência vária, ouvimos sempre, sempre! os nomes supersticiosamente evocadores:—*Pisa! Florença! Siena!*

F. R.




---

«FIALHO D'ALMEIDA»

«Fléxa Ribeiro, o poeta bizarro da *Litania pagan e do Sol*, não se deixou vencer, como geralmente acontece, pelas seducções estonteantes da alta politica. A sua penosa função politica de secretario do Interior do governo do Pará, não absorveu por completo a sua energia de fino espirito e de delicado interprete das altas emoções da Arte.

Fléxa Ribeiro enviou-nos a magnifica monographia que elaborou cuidadosamente sobre a individualidade destacada e poderosa d'esse magnifico Fialho de Almeida, que era a mais legitima das glórias da palavra escripta de Portugal.

E Fléxa Ribeiro no seu estudo analysa-o desde as primeiras manifestações do seu grande espirito até á ultima florescencia da sua pujança litteraria.

E' um estudo rigoroso e independente, justo e completo, de onde emerge destacadamente a figura original e masculina do Artista que trabalhou a tristeza commovedora da *Madona do Campo Santo* e dos *Tres Cadaveres* e do ironista interessante do *Barbear... pentear e da Vida Ironica*.

Vê-se que Fléxa Ribeiro não pretendeu apenas fazer o elogio funebre do grande homem; quiz no seu livro honesto e bom mostral-o, numa analyse esmiuçada, com todo o seu valor incomparavel de Artista excepcional, documentando cuidadosamente as suas razões de analyse e o seu motivo justo d'essa apothese meritoria.

Fialho de Almeida é bem aquella individualidade inconfundivel que vive nas paginas carinhosas da monographia de Fléxa Ribeiro, que ficará constituindo um documento precioso para o conhecimento exacto d'esse lindo espirito portuguez.»

— São do «Fon-Fon», a sympathica revista carioca, as expressões que ahí se encontram, sobre Fialho d'Almeida, a magnifica monographia de Fléxa Ribeiro, da qual a conhecida e acreditada Livraria Bittencourt, á rua 15 de Novembro, acaba de expôr á venda os derradeiros exemplares.

---



# Questões de grammática e philologia

## Reflexões sobre a analyse syntáctica

### Proposições compostas por co- ordenação e por subordinação.

Deparou-me o numero 6 da Revista do Ensino, o qual foi publicado a 15 de Fevereiro ultimo, bem feito artigo do distincto philologo patricio Sr. Theodoro Rodrigues, acêrca da proposição composta e da sua classificação. Bem que o tenha lido com muito agrado, pois elle encerra judiciosas e interessantes observações sobre o assumpto, ousou todavia discordar, em alguns pontos, da opinião do seu auctor, a quem peço venia para dizer o que penso a respeito, convencido de que elle o não levará a mal, pois desde logo ha-de se capacitar de que as considerações que vae ler, partem de um espirito que deseja contribuir, na medida das suas forças, para que se dirimam certas questões de analyse syntactica, que ha longo tempo se debatem sem resultados, ou, pelo menos, sem resultado decisivo.

No seu apreciavel trabalho, diz o Sr. Th. Rodrigues que lhe não parece “logica a classificação que muitos professores e grammaticistas dão á proposição composta, declarando-a composta *por subordinação e por coordenação.*”

“Nesse engano,” continúa elle, “incorrem muitos auctores de compendios e entre elles estava o erudito mestre, dr. Maximino Maciel.”

Em abono dos seus assertos, invoca o Sr. Th. Rodrigues a acatada auctoridade de João Ribeiro, de cuja grammatica toma a definição de proposição composta, que vem a ser *a que se fórma de varias proposições que têm a mesma função na frase.* (Gram. Port. de João Ribeiro—Curso superior—15ª edição—1909.)

Baseado nessa definição, considera o articulista “absurda a classificação de composta (proposição) *por subordinação,*



porque orações subordinadas não podem ter absolutamente a função de oração principal.”

“Não ha, portanto, proposição composta *por subordinação*, pois que essa proposição nada mais é senão a proposição complexa, que se fórma de uma principal acompanhada de uma ou de muitas subordinadas.”

“Só ha composta *por coordenação*, formada de orações do mesmo valor, sem subordinação, de maneira que, se o quizessemos, qualquer das coordenadas formaria periodo, signal do quanto ellas são independentes.”

Divirjo fundamente do Sr. Th. Rodrigues em não admitir proposição composta *por subordinação*, e, para lhe contradictar a theoria que abraça, recorro ao mestre mesmo que elle pensa ter apanhado em engano, o dr. Maximino Maciel, bem como a Francisco Sotero dos Reis, esse profundo sabedor da Lingua Portugueza, desconhecido de muitos daquelles que pretendem conhecê-la.

De facto, na Grammatica Expositiva de Max. Maciel, se acha á pag. 279 da 3.<sup>a</sup> edição, o seguinte:

A proposição póde ser composta:

a) Por *coordenação*, desde que as proposições sejam independentes entre si, ex.: *Levantou-se o Cardeal e subiu ao estrado do principe.* (Fr. Luis de Sousa—*A. Classicos.*)

b) Por *subordinação*, desde que as proposições sejam dependentes entre si, ex.: *Eu amo seus olhos que choram sem causa um pranto sem dôr.* (Gonçalves Dias—*Poesias.*)

As proposições coordenadas exprimem pensamentos independentes, relacionados apenas pelo *sentido* ou por *conjunção coordinativa*. (Max. Maciel—Gram. Exp. 3.<sup>a</sup> Ed.—Pag. 279.)

Os termos da proposição simples expandem-se, desenvolvem-se, e assim a elles se ligam proposições accessorias, mediante connectivos subordinantes, isto é, *pronomes relativos*, *conjunções subordinativas*, e, ás vezes, os *adjectivos* ou *pronomes indefinidos*. (Obra cit.—Pag. 281.)

Ouçamos agora a Francisco Sotero dos Reis.

Tratando da syntaxe das proposições, diz elle:

## I

«A proposição, que é, como fica dito, o enunciado do «juízo, e sem a qual não pode haver discurso, ou fórma por»



«si só, ou concorre com outras para formar uma phrase, ou»  
«sentido completo e absoluto.

«Esta phrase ou sentido que se liga a outros para formar»  
«o discurso, é o que se chama periodo grammatical, o qual é»  
«simples se consta de uma só proposição, composto se de mais»  
«de uma.»

«A proposição, por exemplo, «Deus creou o mundo»  
«em seis dias» é uma proposição absoluta, porque fórma»  
«um sentido completo e absoluto; e, posta por si só no dis-»  
«curso, constitue um periodo grammatical simples.»

«Se eu, porém, disser, em vez disso, «Deus creou o»  
«mundo em seis dias, e descansou no setimo», fórmo um»  
«periodo grammatical composto; porque, por meio da conjun-»  
«cção, e, estabeleço um laço, uma relação entre as duas propo-»  
«sições. E' com tudo de notar neste caso, que a segunda»  
«proposição, bem que ligada á primeira pelo sentido, não»  
«fica menos independente della em sua constituição, ou que»  
«são apenas duas proposições absolutas approximadas por»  
«virtude de uma conjuncção de primeira classe, ou de *appro-*»  
«*ximação*; por isso taes proposições não dão logar a regra»  
»alguma particular de syntaxe.»

## II

«O periodo grammatical pois póde, quando COMPOSTO,  
«constar de proposições absolutas approximadas, ou, O QUE É»  
«MUITO MAIS FREQUENTE, de uma proposição absoluta, e de ou-  
«tras PROPOSIÇÕES SUBORDINADAS que della dependão.»

«Quando digo, por exemplo, «O homem pensa, porque  
«é um ente dotado de intelligencia» estas duas proposições»  
«unidas pela conjuncção, *porque*, concorrem ambas para for-»  
«mar uma phrase ou periodo grammatical, mas de tal ma-»  
«neira, que a segunda não só modifica e determina a primeira,»  
«mas é della dependente. Esta subordinação opera-se por»  
«virtude da conjuncção de segunda classe, ou de *subordinação*,»  
«que as liga. A primeira chama-se, *proposição principal*; a»  
«segunda, *proposição subordinada* (Gram. Port.—3ª edição»  
«—1877—Pag. 180 a 182)»

A meu ver, a melhor classificação da proposição com-  
posta é a que apresentam os dois insignes mestres citados, á  
qual ajunto a proposição composta *por coordenação e subor-*



*dinação* ao mesmo tempo, que será estudada em seu devido lugar. É reputo-a a melhor, porque não atino com a diferença; que o sr. Th. Rodrigues implicitamente reconhece existir, entre o que é composto e o que é complexo, pois não ha coisa composta, me parece, que não seja complexa, e vice-versa. Aliás, isso não occorre sómente nas associações de palavras e de proposições, senão em tudo o que existe. Haverá, por exp., corpo chimico, que, em sendo composto, não seja complexo? Assim, pois, como ha-de chamar-se a proposição que consta de uma oração principal, cujos termos estão desenvolvidos por uma ou mais proposições *subordinadas*? Necessariamente, *proposição composta por subordinação*.

Quanto á proposição composta por *coordenação*, concordam todos em que *é a que se fórma de varias proposições QUE TÊM A MESMA FUNÇÃO NA FRASE.* (Gram. Port. de João Ribeiro—Curso Superior—15ª edição—1909)

Do estudo e classificação dessas duas especies de proposição composta decorre mui naturalmete outra especie: a proposição composta por *coordenação e subordinação* ao mesmo tempo. Forçoso é admittir essa especie de proposição composta, que aliás não sei de auctor que della trate, pois quando nella se acharem, a um tempo, proposições coordenadas e subordinadas, que nome lhe dar senão o de proposição composta por *coordenação e subordinação* ao mesmo tempo?

Ha outros pontos do artigo do Sr. Th. Rodrigues que desejo passar em revista, apesar dos fugazes momentos de que disponho para essas ousadas incursões em terreno tão melindroso e tão propicio a favorecer que os incautos saiam mal feridos da disputa. Todavia só o farei, se a isso me animar a acolhida que da parte dos competentes merecer este artigo, durante o amanho do qual senti por vezes me faltarem as forças, e fugir-me o animo.

Belém, 14—3—912

M.—Th.







# A instrução pública nos Estados

Notas sobre o ensino  
público do Estado do  
Paraná. □ × □ × □ × □ × □

A superintendencia do ensino publico é exercida pelo Director Geral da Instrução Publica, o qual accumula, por exigencia da lei, os cargos de Director da Escola Normal e do Gymnasio Paranaense.

Funcionam assim em um só edificio a Secretaria da Instrução Publica e aquelles dois estabelecimentos de ensino, que representam, na capital do Paraná, toda a alta instrução daquelle Estado.

Esta accumulção é extensiva ao pessoal docente. Os lentes e professores da Escola Normal o são tambem no Gymnasio, ficando assim sobrecarregados de grande numero de aulas diariamente, com vencimentos nunca superiores a 400\$000 mensaes. Procurando aproveitar os serviços dos mesmos professores, dahi resulta não se attender a differença entre a natureza e o destino dos dois institutos. A Escola Normal está evidentemente em plano inferior; tem um curso de tres annos, quando o curso gymnasial é de seis, e não possui escola modelo para a pratica do ensino. A agglomeração num só edificio e durante as mesmas horas, de alumnos de um e outro curso, torna por vezes difficil a manutenção da ordem, conforme declara a propria Directoria em documento official.

Para aggravar esta situação junta-se ainda a circumstancia de serem as aulas mixtas, tanto na Escola Normal como no Gymnasio.

Durante minha estada em Curityba, as aulas da Escola Normal e do Gymnasio foram suspensas, por alguns dias, para que os professores pudessem assistir ás sessões do Congresso de Geographia. Nessas condições, tive apenas um dia para visitar aquelles estabelecimentos, nos quaes assistí ás aulas de Portuguez, Francez, Historia e Physica e Chimica, sobre as quaes darei rapidamente as minhas impressões:

*Portuguez*—Lente, Dr. Emiliano Pernetta, ora licenciado. Seu substituto é o Dr. Francisco R. de Azevedo Macedo, ex-deputado estadual. Pelo que pude observar, o ensino nesta classe obedece boa orientação; tem uma feição mais pratica do que theorica, mas não passa os limites do elementar. Verdade é que se tratava do 1º anno do curso gymnasial.

*Francez*—Conego João Evangelista Braga.

O ensino ainda não obedece á orientação do methodo directo ou natural. Apenas por accidente se fazem exercicios praticos de conversação. A aula toda consistiu na versão para o francez de um trecho dado pelo lente em vernaculo.

*Historia*—Lente, Professor Dario Velloso, que além de Historia (patria e geral) ensina Pedagogia aos alumnos da Escola Normal.



Assisti a uma aula de Historia Geral, tendo por assumpto a Companhia de Jesus, e sua influencia por meio do ensino. O Lente tem uma exposiçào clara, fluente, conseguindo dessa fôrma plena attençào da parte dos alumnos.

*Physica e chimica*—Lente, Professor Lisymaco F. Costa, ex-alumno da Escola Militar, do Rio. Nomeado ha cerca de dois annos, por concurso, foi elle verdadeiramente quem creou o laboratorio de experiencias.

Não ha preparados, de modo que o lente accumula ao ensino todo o trabalho de laboratorio.



O curso da Escola Normal, como disse, dura tres annos. Não ha pratica de ensino. O estudante normalista, uma vez diplomado, pôde ser nomeado para qualquer escola ou grupo, ao arbitrio do Governo.

Em 1910 a Escola Normal diplomou 9 alumnas e 2 alumnos. A entrega de diplomas faz-se sem a menor solemnidade.

#### MATRICULA EM 1911

NA ESCOLA NOEMAL —	Alumnas	120	Alumnos	35	Total	155
NO GYMNASIO —	»	3	»	147	»	150
	Total	123	»	182	»	305

No edificio funcionam ainda o *Instituto Commercial Parandense*, com a matricula de 47 alumnos, e a *Bibliotheca Publica*.



Os estabelecimentos de ensino do Paraná podem ser dispostos em 4 grupos, a saber:

- A—Estabelecimentos mantidos pelo Estado;
- B—Escolas subvencionadas;
- C—Escolas e collegios particulares;
- D—Escolas mantidas pelo Governo Federal.

#### GRUPO A

##### ESTABELECIMENTOS MANTIDOS PELO ESTADO

Os estabelecimentos deste grupo, constituem, na ordem descendente, as seguintes categorias:

- 1ª categoria—Ensino secundario—Escola Normal e Gymnasio.
- 2ª categoria—Ensino profissional—Diversos Institutos.
- 3ª categoria—Ensino primario—grupos ou escolas reunidas.
- 4ª categoria—Ensino primario—escolas isoladas.
- 5ª categoria—Ensino fundamental—jardins da infancia.

Dos estabelecimentos que constituem a 1ª categoria já foi dito, nas paginas precedentes, o que de mais importante consegui colligir.



## 2ª Categoria do grupo A

A esta categoria pertencem os seguintes estabelecimentos, em geral destinados ao ensino commercial:

Instituto Commercial Paranaense (Curitiba) . . . . .	47	alunos
Instituto Commercial de Paranaguá (installado em 1910). . . . .	57	»
Instituto João Candido (Ponta-Grossa) . . . . .	39	»
Instituto de Castro . . . . .	32	»
Instituto Affonso de Camargo (Guarapuava) . . . . .	54	»
Matricula total . . . . .	229	

## 3ª Categoria do grupo A

Esta categoria é constituída pelos estabelecimentos que têm a denominação de grupos escolares, mas que não passam de escolas reunidas, do typo outr'ora existente em S. Paulo.

São geralmente 4 as escolas que constituem o grupo, duas masculinas, regidas por professores e duas femininas, regidas por professoras. Não ha director e cada escola funciona como si as outras não existissem, não havendo portanto seriação do ensino. Segundo informações que obtive na Secretaria da Instrucção Publica, ha na Capital 10 desses estabelecimentos. Parece-me que esse numero é exaggerado e que como grupos realmente existentes se computaram os predios que para tal fim se estão edificando. Pelo que se deprehe de do ultimo relatório do Director Geral da Instrucção Publica, os grupos escolares (sic) que funcionam no Paraná são os seguintes:

- 1— «Xavier da Silveira», na Capital
- 2— «Cruz Machado» » »
- 3— «Carvalho», » »
- 4— «Oliveira Bello», » »
- 5— Lapa
- 6— Castro
- 7— Palmeiras
- 8— Serro Azul
- 9— Morretes
- 10— Colonia Affonso Penna
- 11— Estação Mallet
- 12— «19 de Dezembro», na Capital.

Em companhia do Director Geral da Instrucção Publica visitei o ultimo destes grupos, cuja matricula é a seguinte:

Secção masculina—	67 + 57 =	124
» feminina —	57 + 63 =	120
Total		<u>244</u>

O grupo «19 de Dezembro» acha-se installado num edificio de construcção moderna, com dois corpos distinctos separados por uma área, para a qual dá ingresso largo portão de ferro. Os dois corpos do edificio têm um só



pavimento, com salas espaçosas, bem arejadas, possuindo cada uma, em dependência anexa, serviço de exgottos e agua encanada. No fundo de cada um dos corpos ha uma area espaçosa para recreio.

Si fossem do mesmo typo os demais predios escolares, poder-se-hia dizer magnifica a installação dos grupos do Paraná.

Tal não acontece todavia.

O grupo «Xavier da Silveira», por exemplo, tem salas das quaes uma mal pôde comportar 30 alumnos, tendo entretanto uma matricula superior.

Com relação ao mobiliario dos grupos, apenas poderei qualifica-lo de excellente, si for igual ao que vi no grupo «19 de Dezembro». E' constituído por carteiras duplas, feitas de pinho do Paraná.

Pelo que respeita á matricula dos grupos escolares, os dados que obtive na Secretaria da Instrucção Publica são de uma lastimavel deficiencia.

No grupo 19 de Dezembro a matricula, como ficou dito, eleva-se a 244 alumnos de ambos os sexos. Dando um effectivo igual a todos os grupos do Estado, conclue-se que a matricula geral, em todos estes estabelecimentos, pouco excederá de 2.500 crianças de ambos os sexos.

#### 4ª Categoria do grupo A—Escolas isoladas

Segundo o relatório do Director Geral da Instrucção Publica, o numero de cadeiras creadas eleva-se a 514, sendo 124 masculinas, 41 femininas e 349 promiscuas. Dessas acham-se providas:

	MASCULINAS	FEMININAS	PROMISCUAS	TOTAL
Na Capital. . . . .	9	5	42	56
No Interior . . . . .	73	33	128	234
	—	—	—	—
Total. . . . .	82	38	170	290

Confrontando-se estes numeros, vê-se que ha no Estado 224 cadeiras vagas, mas releva notar que o relatório do Secretario do Interior consigna dados um pouco differentes.

A matricula, nas escolas isoladas, é de 30 alumnos no minimo e de 80 no maximo.

Ha na Capital uma escola, regida pelo professor Julio Theodorico Guimarães, cuja matricula excede de 100 alumnos!

A matricula geral, nos estabelecimentos de ensino primario (grupos e escolas isoladas) eleva-se a 14.054 alumnos de ambos os sexos, assim distribuidos:

	ALUMNOS	ALUMNAS	TOTAL
Na Capital . . . . .	541	889	1.430
No Interior . . . . .	7.585	5.039	12.624
	—	—	—
TOTAL . . . . .	8.126	5.928	14.540

O governo auxilia os professores das escolas isoladas, dando-lhes uma verba variavel para aluguel de casa.

Na Capital, onde é elevado o numero de alumnos, rara é a escola, segundo me informaram, que possui satisfactoria installação.

Na colonia polaca *Abranches*, que fica a uma legua de Curityba, tive occasião de visitar uma escola suburbana, que aliás não estava funcionando. O mobiliario era o que se pôde imaginar de mais archaico e desigual.



Era todavia nessas colonias que o Governo mais se devia esforçar para qua as escolas tivessem bom pessoal docente e regular installação. Sem isso as creanças buscam de preferencia as escolas estrangeiras, onde o ensino da lingua portugueza é de todo descurado. Na colonia *Abranches*, por exemplo, apenas se consagra meia hora ao ensino da lingua portugueza, sendo de notar que as professoras que fazem tal ensino (são irmãs de S. Vicente, e de origem polaca) mal sabem falar a nossa lingua.

### 5.ª Categoria do Grupo A

Esta categoria é representada por dois jardins da infancia, ambos em Curityba.

Em companhia do Director Geral, visitei o mais antigo desses estabelecimentos. Foi fundado em 1906 pela professora D. Maria Corrêa de Miranda, já fallecida, a qual fez delle uma cópia reduzida do que viu no Jardim de Infancia de S. Paulo, cuja organização viera especialmente estudar.

Este jardim tem uma matricula de 85 creanças de ambes os sexos. Seu pessoal consta de uma directora, uma professora de canto e piano e um guardião. O mobiliario é approximadamente igual ao do nosso jardim de infancia.

Não tive occasião de visitar o novo jardim da infancia, que é annexo ao grupo escolar «Xavier da Silveira», mas sei por informação do Director Geral, que o pessoal, a matricula e o mobiliario do novo jardim, são identicos aos do antigo.

Póde-se, pois, dar aos dois jardins de Curityba — os unicos de todo o Estado — a matricula de 170 creanças.

## GRUPO B

### ESCOLAS SUBVENCIONADAS

O Congresso votou uma subvenção de 5:400\$000, como auxilio para a manutenção de um curso secundario em Antonina e do collegio Miguel Omena, em Ponta Grossa; mas a Secretaria de Instrucção Publica ignora si esse estabelecimento têm funcionado e percebido tal subvenção.

E' facto, porém, averiguado que o Estado subvenciona 62 escolas primarias, com a quantia da 720\$000 annuaes para cada uma. Para obter subvenção, o candidato deverá dar prova de certo preparo e aptidão professional.

A matricula total nesses estabelecimentos é de 2.931 alumnos de um e outro sexo.

## GRUPO C

### ESCOLAS E COLLEGIOS PARTICULARES

Si a fiscalisação, como veremos mais adiante, é quasi nulla nos estabelecimentos officiaes, póde-se desde logo conjuncturar a que fica ella reduzida nos estabelecimentos particulares. Na Secretaria da Instrucção Publica quasi nada souberam dizer-me com relação a taes estabelecimentos, que nem



ao menos são mencionados nos relatorios do Director Geral. Parece, porém, que são em pequeno numero as escolas e collegios particulares existentes no Estado. Não tive tempo para visitar nenhum desses estabelecimentos.

Soube, entretanto, por pessoa fidedigna, que na Capital um dos principaes dentre esses estabelecimentos, é a Escola Americana, mantida pela Sociedade de Propaganda Evangelica.

Tive noticia de uma outra escola, allemã, si não me falha a memoria, onde os alumnos pagam diariamente aquillo que podem, de 100 reis para cima. Parece nada, mas o facto é que essa escola tem prosperado.

Segundo os escassos dados officiaes contidos no relatorio do Director Geral, a matricula nos estabelecimentos deste grupo eleva-se a 1882 alumnos de ambos os sexos.

## GRUPO D

### ESCOLA DE APPRENDIZES ARTIFICES

Esta escola mantida pelo Governo Federal, foi installada no anno passado e é, dos estabelecimentos que visitei, o que mais me impressionou pela sua boa organização. Acha-se installada na Praça Carlos Gomes, em espaçoso sobrado de dois pavimentos e funciona como externato, com a matricula de 290 alumnos. Seu director é o cidadão Paulo Ildefonso de Assumpção, antigo alumno da Escola de Bellas Artes, da Capital Federal.

Como os demais institutos congêneres, tem um curso diurno e um curso nocturno.

Tendo almoçado em suas casas, os alumnos começam a entrar desde as 8,30 da manhã, de modo a estarem reunidos todos ás 9 horas, para a chamada geral.

O *curso diurno* consiste no trabalho das officinas. Vae das 10 horas da manhã até 2 da tarde, com intervallos para recreio, gymnastica sueca, e, em certos dias, exercicios militares. Retirando-se ás 3 horas da tarde, os alumnos jantam em suas casas e voltam as 5 horas para assistir ás aulas.

O *curso nocturno* vae de 5 ás 8 horas da noite.

O programma abrange a instrucção elementar indispensavel ao operario, com aulas de desenho applicado aos diferentes officios ensinados nas officinas. O ensino acha-se a cargo de duas professoras e mais um mestre de desenho. Segundo me informou o director, procura-se empregar nas aulas o methodo intuitivo por meio de lições de cousas que versam naturalmente sobre as materias primas e os utensilios empregados em cada um dos officios.

O ensino do Desenho abrange as seguintes especialidades: *desenho industrial, geometrico e ornamental*. Visitando as salas de aula, vi nellas excellentes trabalhos, avultando entre elles as copias ao natural. Empregam-se ainda modelos em gesso, mas esse emprego tende a reduzir-se.

Além do desenho, ensina-se tambem a pintura (pintura decorativa) destinada ao acabamento dos artefactos produzidos nas diversas officinas.

São em numero de cinco as officinas já installadas:

#### 1ª Alfaiates.

Vi nesta officina grande numero de alumnos. Todo o uniforme destes é feito na escola.



2ª *Marceneiros.*

E' outra officina muito frequentada. Vi no deposito os seguintes moveis, feitos pelos alumnos: *etagères*, creados-mudos, viaturas, obras de entalhes, etc. Fabricam-se tambem alli espingardinhas para batalhões escolares, as quaes ficam mais ou menos a 12\$000 de custo.

3ª *Serralheiros mecânicos.*

Os trabalhos são feitos a mão sobre o ferro frio com *dentes de lobo*. Não ha installação de machinas, que o director considera muito perigosas. Vi no deposito: pés para tornos, fórnos para fogão, pés para bancos, etc. Ao lado da officina ha uma forja em ponto pequeno, para certos trabalhos.

4ª *Selleiros.*

Officina muito frequentada, o que facilmente se explica pelas condições proprias da vida no Paraná. Vi em grande numero: sellas de montaria, malas de viagem, bolsas, cinturões, arreios para carroças, bolas para o jogo de *foot-ball* (ficam em 12\$000 quando os productos congeneres do estrangeiro custam 22\$000).

5ª *Sapateiros.*

Outra officina muito frequentada com bom numero de artefactos regularmente acabados.



O que, porém, mais agradavelmente me impressionou foi o systema disciplinar nesta escola.

O director revela qualidades de um educador que sabe fazer da affeição um elemento de disciplina. Não ha castigos. A ordem é mantida pelos proprios alumnos, cabendo aos menores a conservação e vigilancia dos jardins e aos maiores a formatura das classes para as officinas.

E' um espectáculo interessante vêr a actividade com que trabalham nas officinas os noveis operarios. Como tomam a serio o trabalho!

Ha na escola exercicios militares, mas o director não tem por elles grande enthusiasmo, segundo me declarou.

No dia 7 de Setembro a escola fez uma passeata civica e todo o seu uniforme, calçado, correame, espingarda, etc., sahiu das suas proprias officinas.

Em resumo, a Escola dos Apprendizes Artifices de Curityba, a julgar pelo que fez em pouco mais de um anno, parece destinada a representar um grande papel no desenvolvimento da vida economica e industrial do Paraná.



O Estado do Paraná tem uma superficie de 200.000 k.<sup>2</sup> e uma população de 500.000 habitantes, dos quaes 100.000 no territorio contestado por Santa Catharina.

A população escolar deve orçar por 70.000 crianças, ou sejam 14 % da população absoluta.

O quadro que segue mostra que mais de dous terços da população escolar do Estado, acha-se ainda privada dos beneficios da instrucção publica.



QUADRO DEMONSTRATIVO DA MATRICULA NOS ESTABELECIMENTOS  
DE ENSINO DO PARANÁ

CURSOS	ESTABELECIMENTOS	MATRICULAS
Secundario . . . .	Escola Normal—Grupo A, 1ª categoria . . . .	155
» . . . .	Gymnasio Paranaense Grupo A, 1ª categoria.	150
Profissional . . . .	Institutos Diversos » » 2ª »	229
Primario . . . . .	Grupos Escolares » » 3ª »	14.054
» . . . . .	Escolas isoladas » » 4ª »	
Fundamental . .	Jardim da Infancia » » 5ª »	170
	Escolas subvencionadas » B . . . . .	2.931
	» e collegios particulares Grupo C . . . .	1.882
	» de Aprendizizes Artifices » D . . . .	290
	Total da matricula . . . . .	19.861

O Estado de Paraná dispendeu com a instrução publica, em 1910, pouco mais de \$90:000\$000, como tive occasião de dizer no começo deste relatorio.

Seguem-se os vencimentos de alguns dos funcionarios do ensino do Estado do Paraná:

1	Director da Instrução Publica.	9:600\$000	annuaes
1	Secretario . . . . .	4:000\$000	»
11	Lentes (Escola Normal e Gymnasio).	4:800\$000	»
112	Professores normalistas . . . . .	2:800\$000	»
79	» effectivos—1ª classe.	1:500\$000	»
79	» » —2ª »	1:900\$000	»
11	» » —3ª »	2:300\$000	»
7	» » . . . . .	660\$000	»



Com relação ao concurso que as municipalidades prestam ao Governo do Estado, no departamento da instrução publica, não colhi dados que me habilitem a avançar algo de seguro. Pelo menos o relatorio do Director General não consigna dado algum a tal respeito, donde se póde deprehender que esse auxilio (das municipalidades) se não fôr de todo nullo, representa somma pouco apreciavel.



A inspecção das escolas, nos centros mais importantes, acha-se a cargo dos promotores publicos. Como esses funcionarios não recebem remuneração pelo trabalho que prestam, seu papel se reduz, segundo me informaram, a passar attestados de exercicio aos professores.

Tudo isto confirma aquillo que disse no officio que acompanha este relatorio: a instrução no Paraná ainda está na phase embryonaria.

Uma circumstancia deve ser aqui assinalada, para resalva dos credi-



tos do professorado paranáense: todos aquelles com quem tratei em Curityba, são admiradores entusiastas da nossa organização escolar e acompanham pelos jornaes de S. Paulo os nossos melhoramentos. Na corporação docente da Escola Normal e do Gymnasio, especialmente, ha lentes competentes e preparados.



Ao concluir estas notas, sem duvida incompletas e desordenadas, devo deixar consignada aqui uma observação, fructo da minha experiencia, na excursão que ora fiz ao Paraná.

Dado o interesse com que todos se voltam hoje em dia para S. Paulo, penso que seria de toda a oportunidade organizar um serviço de propaganda para divulgação das nossas conquistas na esphera do ensino.

Os Congressos Brasileiros de Geographia constituem para esse fim excellentes oportunidades, poque a elles concorrem representantes de todo o Brasil.

Dentre os diversos meios de propaganda, lembrarei os seguintes que me parecem perfeitamente conducentes ao fim collimado:

1° Enviar ao Congresso, como representante do magisterio official paulista, um ou mais professores competentes, para communicarem os nossos processos no ensino da Geographia e apresentarem indicações tendentes a melhorar os methodos em voga na maior parte das escolas do Brasil.

2° Premover, durante o periodo das sessões do Congresso de Geographia, conferencias publicas dando conta da organização do ensino paulista, seus methodos e resultados. Essas conferencias poderão apoiar-se sobre um conjuncto de projecções cinematographicas, dando os aspectos mais interessantes da nossa vida escolar, vistas de edificios, etc.

O dr. João Pedro Cardoso, Director da Commissão Geographica e Geologica de S. Paulo, alcançou um verdadeiro successo por este meio.

3° Organisar uma exposição dos livros e materiaes didacticos assim como do mobiliario usado nas nossas escolas, trabalhos de classe, etc.

4° Confeecção de um album photographico, contendo vistas dos principaes edificios publicos e escolas de S. Paulo.

5° Elaboração de um livro que dê informações sobre a instrucção publica de todo o Brasil e, por meio de quadros estatisticos apropriados, estabeleça o confronto de S. Paulo com os demais Estados da União.

A estes meios podem additar-se outros muitos cuja enumeração é desnecessaria.

Parece-me que a combinação de todos estes meios constituiria um excellento serviço de propaganda, do qual resultaria, em beneficio de S. Paulo, uma divulgação mais prompta das nossas condições em materia de ensino, e, em beneficio do resto do Brasil, a communicacão de um certo incentivo, por uma demonstração pratica de grandes proveitos a attingir.

Eis, exmo. sr. dr. Director-Geral, o que me cabe dizer ao dar conta de vossa honrosa incumbencia.

Aproveito o ensejo para passar ás vossas mãos, para sahir na *Revista de Ensino*, a communicacão por mim feita no Congresso de Geographia de Curityba sobre o ensino da Geographia nas escolas de S. Paulo.

Ao terminar, reitero mais uma vez os meus agradecimentos a essa Directoria-Geral e ao Governo de S. Paulo, pela honra que me dispensou, enviando-me como seu representante ao Congresso de Curityba.

JOÃO LOURENÇO RODRIGUES

Lente da Escola Normal de S. Carlos



Comunicação feita ao Congresso de  
Geographia de Curityba pelo professor  
João Lourenço Rodrigues

Exmo. Sr. presidente do Congresso de Geographia.

Sejam minhas primeiras palavras de caloroso agradecimento a esta illustre assembléa pela honra que dispensou ao meu Estado, á classe do professorado paulista e especialmente á Escola Normal de S. Carlos, de cuja congregação faço parte, com a minha inclusão entre os membros da commissão do *Ensino da Geographia, regras e nomenclatura*.

Eu devia hoje, na qualidade de presidente daquella commissão apresentar parecer sobre os trabalhos a ella communicados, mas, como alguns desses trabalhos ainda se acham em estudos, peço venia para, na qualidade de membro do professorado de minha terra, trazer a este Congresso a contribuição, embora modesta, da nossa experiencia no ensino de geographia.

Senhores:

Um escriptor cujo nome não me occorre neste momento, dividiu em dois grandes grupos os homens que servem a sciencia. No primeiro desses grupos incluiu elle todos quantos vão buscar a sciencia em suas fontes primaciaes, todos os investigadores, todos aquelles que observam os phenomenos, experimentam, comparam, induzem e por fim formulam as leis naturaes, leis destinadas a fornecer normas seguras á actividade humana.

E' este propriamente o grupo dos cientistas, a cujo prestigio todos se curvam.

No segundo grupo o escriptor de que falo alinhou todos aquelles que distribuem ás boccas famintas o alimento nutriente e sadio do saber humano, recolhidos pelos primeiros nos selleiros da sciencia.

E' este o grupo dos educadores, grupo mais modesto, mas não menos prestante, porque tem por missão vulgarisar a sciencia, ponde-a ao alcance do povo ignaro, dos humídes, das crianças.

Este congresso corporifica o primeiro desses grupos. Composto em grande parte de cientistas de competencia provada, elle se impoz a tarefa de estimular o esforço de todos os obreiros da geographia nacional, coordenar a acção isolada dos investigadores quaesquer, enfeixando os trabalhos esparsos numa vasta synthese harmonica, a fazer parte do patrimonio scientifico da humanidade.

Mas releva notar uma circumstancia. Por mais relevantes que se nos antolham e por mais valiosos que em realidade sejam os serviços prestados por este Congresso, no dominio da geographia nacional, o seu alcance será limitado, o seu aproveitamento será uma questão remota, se esta douta assembléa não fizer valer a sua influencia, a sua autoridade para melhorar o ensino da geographia nas escolas brasileiras, procurando introduzir nella methodos mais proveitosos, por meio dos quaes se levem á pratica diuturna do magisterio os dados positivos que aqui se forem colhendo e armazenando de anno para anno.

Não basta effectivamente preencher as lacunas da nossa geographia nacional, resolver os seus problemas, esclarecer todas as suas obscuridades, fazer o inventario dos nossos grandes recursos.



O que mais importa, para a formação cívica da mocidade das escolas, é desenvolver nella a consciencia daquillo que valemos como paiz privilegiadamente dotado pela natureza.

Pois bem, para que esse desideratum seja attingido é indispensavel que a methodologia propria da geographia passe por uma radical renovação, que o ensino seja graduado de maneira mais racional quer no curso primario, quer no curso secundario; que o compendio, o *text book*, de que tanto se abusa, ceda o passo a um ensino vivo, por meio do qual se propague, se vulgarise a vasta obra que aqui se elabora.

Como não ignoraes, o ensino da geographia, entre nós, se reduz geralmente a uma questão de nomenclatura, a uma enumeração arida, interminavel, e por isso mesmo inefficaz para despertar o interesse da criança, captivar-lhe a attenção sempre versatil e sedenta de novidades.

Que differença entre um tal ensino e o ensino ministrado nas escolas da Norte-America!

Alli, como tive occasião de observar pessoalmente, o ensino da geographia já se libertou das peias desse ensino puramente eschematico. Os mestres alli ensinam a geographia mostrando as coisas ao natural, pondo os alumnos em face do grande livro da Natureza, procurando familiarisa-los com o meio, o bairro, o municipio, a terra natal.

Por meio de excursões bem encaminhadas, elles levam as crianças a estudar de visu o relevo do sólo, a formação das bacias fluviaes, os trabalhos de erosão, a influencia do clima sobre as flores, a fauna, etc.

Aquillo que estas escursões não pódem suggerir, dão-no as projecções cinematographicas, que fazem passar ante os olhos embevecidos da criança paizagens de outras terras, aspectos de regiões remotas ou mal conhecidas.

Tudo se ensina alli, fazendo dos Estados Unidos um termo obrigado de comparação, por meio de quadros variadissimos, que dando áquelle paiz decidida proeminencia, despertam nas crianças o sentimento de sua grandeza nacional, estimulam o seu patriotismo e são por isso um poderoso instrumento de cultura cívica.

Não menor desenvolvimento tem alli a geographia economica, porque o americano, como sabeis, é essencialmente utilitarista.

E quanta fecundidade nos processos de ensino! Nas classes infantis tem largo emprego o taboleiro de areia molhada, por meio do qual as crianças aprendem a plasmar em miniatura, as ilhas e os continentes, os vales e as montanhas, com o seu relevo mais ou menos accidentado.

O taboleiro de areia é uma feliz applicação da celebre formula *education by doing* (educar fazendo) na qual reside a grande superioridade do ensino inglez ou americano.

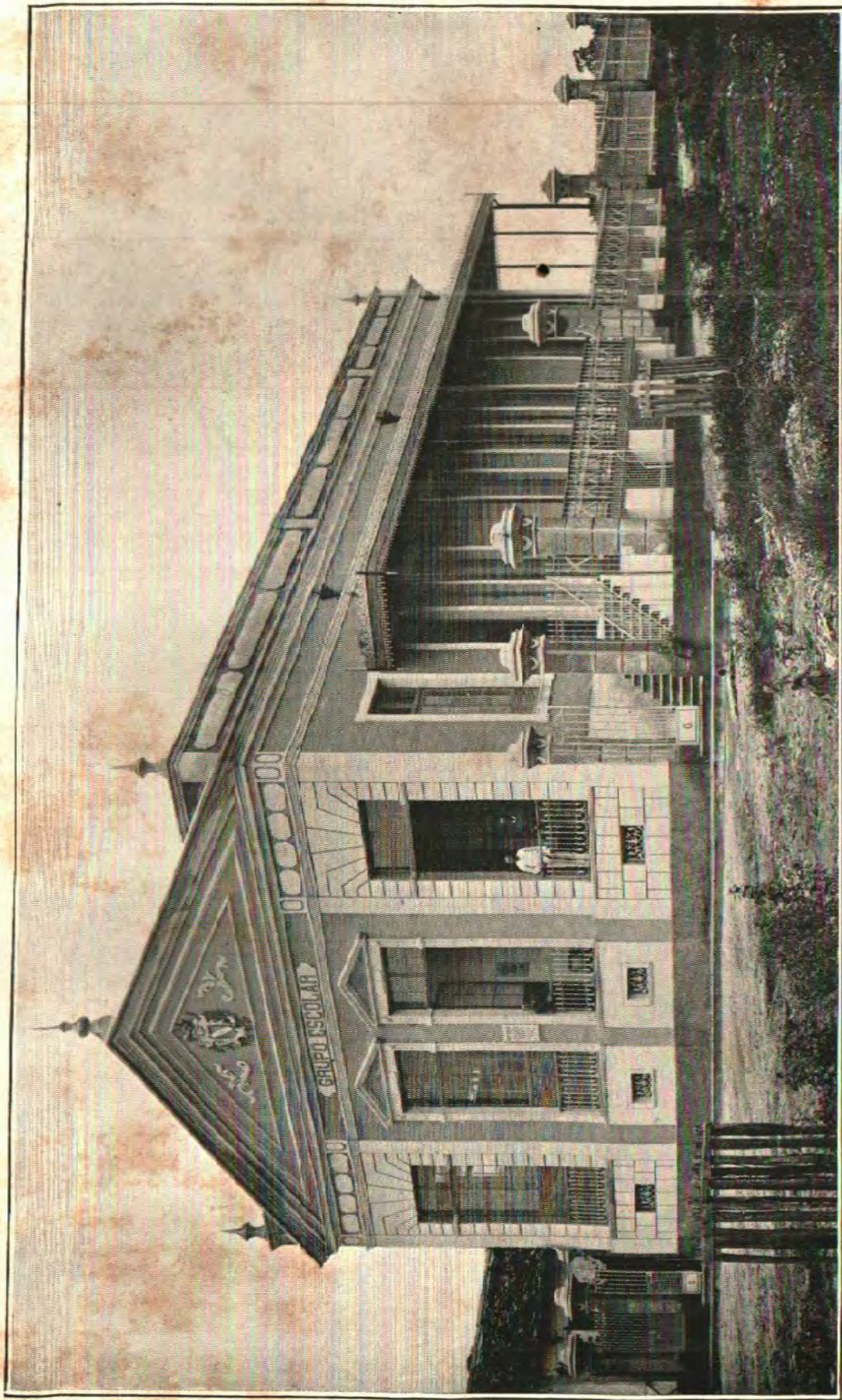
Nas classes adiantadas os mestres lançam mão do fecundo processo da cartographia, levando os alumnos a traçar a mão pequenos mappas dos estados, paizes ou regiões a estudar, e por essa forma obtêm simul'aneamente a educação da vista e a educação da mão, transmittindo ao espirito infantil noções concretas, vividas, que se gravam indelevelmente na mente infantil, com resultados incomparavelmente mais fecundos que aquelles que se obtêm pelo ensino formalista, infelizmente ainda tão em voga entre nós.

Estes processos felizmente já penetraram nas escolas do meu Estado, e graças a elle o ensino da geographia já entrou alli numa phase da renovação.

Eu quero assignalar especialmente o que temos feito em materia de cartographia elementar.

O ensino da cartographia comprehende duas phases. Na primeira phase o professor traça no quadro negro o contorno da região, paiz ou estado a estudar, e em seguida, por um trabalho progressivo, que os alumnos repro-





Grupo Escolar de Igarapé-Assú



duzem em suas ardozias, amplia esse esboço inicial pelo traçado das cadeias orographicas, dos rios, da viação ferrea, etc. Esta é a phase fundamental e essencialmente educativa. Na segunda phase o trabalho dos alumnos passa a ser feito em cadernos apropriados.

Para auxiliar o trabalho dos professores, nem sempre peritos na arte de desenhar, imprimiram-se cadernos nos quaes se dá apenas o esboço geral de cada região a estudar, deixando o resto ao trabalho das crianças, que o completam, tendo ante os olhos uma bôa carta natural da região correspondente.

Estes cadernos constituem séries, dentre as quaes mencionarei apenas tres, devidas á operosidade dos meus distinctos collegas Arnaldo Barreto, Ramon Rocca e Pedro Voss.

Para quem tem em mira o lado educativo, esses cadernos attingem plenamente os seus fins, porque conseguem ministrar uma ideia de conjunto sufficientemente perfeita das regiões a estudar.

Os cultores da cartographia regular entendem, todavia, que esses esboços peccam por falta de precisão na representação dos accidentes physicos, na situação das cidades, percurso dos rios, das cadeias orographicas, da viação ferrea, etc.

No seu entender taes senões não são de pouca monta, porque concorrem para incutir certas noções erroneas, noções que nem sempre se poderão corrigir ulteriormente.

Neste particular é facil de vêr que a instituição de um systema satisfactorio de cartographia só virá a ser obtida mediante um entente, uma conjugação intelligente dos esforços do cartographo propriamente dito e do professor das classes infantis, levando um delles a contribuição dos processos technicos regulares de execução e outro a experiencia necessaria para apontar aquillo que é viavel e aquillo que deve ser eliminado para o bom exito do ensino.

Fazendo esta despretençiosa exposição daquillo que as escolas de S. Paulo têm conseguido no ensino da geographia, eu julgo pagar com esta contribuição o tributo que cada um de nós deve á profissão que abraçou.

Ao terminar, eu desejo fazer uma indicação que formará a synthese destas considerações. Essa indicação exprime de certo modo o voto de todos os professores paulistas, para que possamos na nossa esphera propria colaborar efficazmente com este Congresso por uma efficaz divulgação de suas conquistas.

Eu peço á illustre commissão organisadora do presente Congresso que faça incluir entre as theses do proximo Congresso as duas seguintes:

1.<sup>a</sup> Como se poderá obter a renovação dos processos empregados no ensino da geographia, de modo a fazer della um instrumento de cultura civica e simultaneamente um meio de vulgarisação dos nossos recursos economicos?

2.<sup>a</sup> Como se poderá conseguir que os exercicios de cartographia da escola infantil, sem nada perderem da feição educativa que constitue seu objectivo especial, adquiram mais rigor de execução, mais precisão de detalhes, de modo a impedir a aquisição, entre as crianças, de idéas erroneas sobre a situação effectiva dos logares representados?

Apresentando esta dupla indicação, eu prometto empenhar-me, pela minha parte, para que no proximo Congresso de Geographia um digno representante da minha classe venha trazer a este certamen scientifico uma contribuição valiosa.



# Notícias literárias

## Almáchio Diniz

Entre os publicistas nacionaes, nesta última dozena d'annos, poucos poderão apresentar uma colheita tão farta, reveladora duma actividade mental extraordinária, assignaladora duma *curiosidade* da intelligencia tão sôffrega, como ALMÁCHIO DINIZ.—O joven escritor bahiano ha peregrinado por vários domínios do conhecimento.

Desde o pamphletorepleto de invectivas até a obra serena de philosophia, passando pela esthética e pela obra de ficção, o talento do artista se tem destendido, maleavel, ductil, cheio de imprevistos, traçando na esphera da cultura moderna a linha ascencional dum poderoso e inexaurivel trabalhador.

Este excessivo labor faz que nem sempre a obra sáia extreme de imperfeições. De vez a vez, sente-se que a mão do escritor, no açodamento do labôr, na inquietação moral de "findar", apenas os últimos contornos assignalou, sem que o tempo viajante permittisse, ao romeiro amoroso das idéas adolescentes do século, fazêr do esboço a obra destinada a ficar involta nesse clarão suggestivo, que é o prestigio sobrenatural das creações eternas.

Mas as contas feitas, que aptidões de escritor, que fecundo esforço, que brilho de prosa animada, por todas essas páginas não se derrama a attestar a robustez dum espírito que apenas galga o vestibulo da maturidade!

Após a leitura duma obra de Almáchio Diniz, a impressão que nos fica, como uma synthese, é que o escritor é mestre já duma grande e fecunda cultura, rara no Brasil, e mais rara ainda no dobrar de tão floridos annos.

De Almáchio Diniz recebeu Fléxa Ribeiro uma colleção das suas mais recentes obras: *Mundanismos*; *Domingos Guimarães*; *Tropheus em cinzas*; *A Cultura Literaria*; *Seara de Ruth*.

Dentre os livros de A. Diniz, recentemente editorados, merece destaque crítico o *Da Esthética na literatura comparada*, livro de idéas geraes, e onde a evolução literária de nossa vida intellectual é estudada com visão ampla, fixando-se-lhe as grandes correntes mentaes no século XIX.

Nessa obra ha todo um longo capítulo consagrado á *Litanía Pagan*, poema de Fléxa Ribeiro, que Almáchio Diniz colloca em destaque inicial nas modernas formas da poesia.



## *Pelo Magisterio*

### DECRETOS

—Março, 1912

Dia 1—Foi exonerada, a pedido, a professora effectiva da 1ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar da cidade de Anajás, normalista Primitiva Ordenez Buarque de Lima.

Dia 4—Para reger interinamente a 2ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar da cidade de Anajás, foi nomeada dona Maria da Conceição Resende.

Dia 5—Olvio Bahia do Sacramento foi nomeado membro do Conselho Escolar de Souzel, na qualidade de representante do sr. dr. Governador do Estado.

Dia 6—A normalista Lucia de Mendonça Dias, professora effectiva do grupo escolar da cidade de Cametá, foram concedidos quatro meses de licença na forma da lei, a contar de 15 de fevereiro ultimo, para tratar de sua saúde.

Dia 7—Foi exonerado Antonio José Diniz, do cargo de 1º official da Escola Normal.

—Do cargo de director da Escola Normal, foi exonerado o dr. Heitor Gil Castello Branco.

Dia 8—Obteve noventa dias de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde fóra do Estado, o lente cathedratico de Physica e Chimica do Gymnasio Paes de Carvalho, dr. Antonio Marçal.

Dia 9—Foi exonerado do cargo de director do grupo escolar do Mojú, o cidadão José Marques da Silva.

—Fausto Alves Pinheiro foi nomeado para reger, interinamente, a escola elementar do sexo masculino da villa de Miraselvas, municipio de Quatipurú.

Dia 11— Foi removido o director effectivo do grupo escolar da cidade de São Caetano de Odivellas, Francisco Olavo Guimarães Nunes, para identico cargo no grupo escolar de segunda entrancia da villa do Pinheiro.

—Para exercer effectivamente o cargo de director da Escola Normal, foi nomeado o dr. Eladio de Amorim Lima.

—Foi nomeado o professor effectivo da 2ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar da cidade de Muaná, normalista Manoel Vasques Ferreira Botelho, para exercer, em commissão, o cargo de director do grupo escolar da cidade de S. Caetano de Odivellas.

Dia 13—A professora effectiva da 3ª escola elementar da secção feminina do 1º grupo escolar da capital, normalista Aurelia de Seixas Franco, obteve tres meses de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde.



—A' professora da escola complementar do Instituto Gentil Bittencourt, normalista Ernestina Braga Pereira, fôram concedidos tres meses de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde, onde lhe convier.

## PORTARIAS

—Março, 1912

Dia 1—De accordo com a indicação do director do grupo escolar da villa do Pinheiro, foi nomeada a normalista Adolphina Rodrigues de Sousa para substituir a adjuncta da 1.ª escola elementar da secção masculina do mesmo grupo, normalista Bemvinda Ferreira de França Messias, durante o seu impedimento.

Dia 2—De accordo com a indicação do director do grupo escolar da cidade de Baião, foi nomeada dona America Rita de Sousa para substituir a professora da 1.ª escola elementar masculina, normalista Porphiria Rodrigues da Silva Damasceno, durante o seu impedimento, devendo a nomeada perceber seus vencimentos desde 13 de fevereiro ultimo, data em que foi designada pelo referido director.

Dia 5—Foi nomeado membro do Conselho Escolar de Souzel, na qualidade de representante do sr. dr. secretario da Instrucção Publica, o cidadão Manoel Antonio Barbosa.

Dia 6—Ao normalista Raymundo da Cunha e Silva, professor effectivo da 2.ª escola elementar masculina do grupo escolar de Castanhal, fôram concedidos quarenta dias de licença, na fórma da lei, para tratar de sua saúde, a contar de 26 de fevereiro ultimo.

—Tendo em vista o officio do director do grupo escolar da cidade de Soure, de 2 do corrente mes, o sr. dr. secretario exonerou, por abandono do cargo, o porteiro do mesmo grupo, João de Lima Gonçalves.

Dia 12—A' professora da 2.ª escola elementar da secção masculina do 1.º grupo escolar da capital, normalista Maria Magno de Araujo, foi concedido um mês de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde.

Dia 13—Ao contra-mestre da officina de sapateiro do Instituto Lauro Sodré, Francisco da Silva Medeiros, fôram concedidos sessenta dias de licença, na fórma da lei, para tratar de sua saúde, conforme requereu.

Dia 16—Raymundo da Silva Nunes foi nomeado porteiro effectivo do grupo escolar da cidade de Soure.

Dia 19—A adjuncta do Instituto Gentil Bittencourt, normalista Esther Rodrigues dos Santos Lopes, foi nomeada para substituir a professora da escola complementar do mesmo estabelecimento, normalista Ernestina Braga Pereira, durante o seu impedimento de licença.

—O normalista Luiz Miquilino de Araujo, professor da escola elementar do sexo masculino da villa de Acará, obteve dois meses de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde.

Dia 23—Ao director do grupo escolar da cidade de Mocajuba, João Caetano Ribeiro, fôram concedidos sessenta dias de licença, na fórma da lei, para tratar de sua saúde, a contar de 11 do corrente mês.



Dia 27—Foi nomeada D. Luiza Couto e Souza para substituir a adjuncta da 2.<sup>a</sup> escola elementar da secção masculina do grupo escolar de Bragança, normalista Genoveva Déa da Silva, durante o seu impedimento, devendo a nomeada perceber os seus vencimentos desde o dia 18 do corrente, data em que foi designada pelo respectivo director.

Dia 28—Para substituir a adjuncta da 1.<sup>a</sup> escola elementar da secção masculina do grupo escolar de Soure, normalista Alára Gomes Rabello, durante o seu impedimento, foi nomeada dona Benedicta Cyriaco Pereira, que perceberá seus vencimentos desde a data em que foi designada pelo respectivo director.

Dia 29—Ao normalista Cantidio Eliezer da Silva Nunes, professor effectivo da 1.<sup>a</sup> escola elementar da secção masculina do grupo escolar da cidade de S. Miguel do Guamí, servindo em commissão o cargo de director do mesmo grupo, foram concedidos dois meses de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde onde lhe convier, a contar de 15 do expirante mês, conforme requereu.

## VÁRIAS

—Março, 1912

—Pelo sr. dr. secretario da Instrucção Publica foi concedida a autorisação pedida pelo director do grupo escolar de Maracanã, para effectuar nesse estabelecimento, no dia 20 de abril corrente, uma sessão civica em homenagem á memoria do glorioso Barão do Rio Branco.

—A secretaria da Fazenda teve sciencia, para os devidos effectos, de que a normalista Francisca Penna de Almeida, em disponibilidade, a seu pedido, desde 23 de janeiro de 1904, como professora elementar do sexo feminino da villa de Ponta de Pedras, não faz mais parte do magisterio publico do Estado, conforme requereu.

—A normalista Philomena Guimarães Vianna, transferida, por decreto de 12 de janeiro, do grupo escolar de Faro para a 1.<sup>a</sup> escola elementar da secção masculina do grupo escolar de S. Caetano de Odivellas, foi considerada em transito de 13 daquelle mês a 10 de fevereiro.

—Não tendo, até agora, sido enviado á secretaria da Instrucção Publica o mappa da matricula e frequencia dos alumnos da escola elementar do sexo masculino de Benevides, o sr. dr. secretario chamou a attenção da respectiva professora para o Reg. geral do ensino primario, na parte que se refere ao assumpto.

—O sr. dr. secretario transmittiu pesames, em nome do sr. dr. governador do Estado e no seu, ao Instituto Lauro Sodré, pelo fallecimento do chefe do ensino tecnico e director interino desse estabelecimento, tenente-coronel Aureliano de Pinto Lima Guedes.

—Ao director do grupo escolar de Anajás, lembrou o sr. dr. secretario que aos directores de grupo não compete a transferencia de professores de uma escola para outra, e sim ao governo, conforme preceitúa o art. 109 do Reg. geral do ensino primario.



—A' secretaria do Interior foi enviado o relatório dos trabalhos do grupo escolar de Bragança, referente ao anno lectivo de 1911.

—Foi considerado em transito, de 16 a 25 de fevereiro, o director do grupo escolar de Muaná, normalista Antonio de Jesus Martins, removido para o de Santa Izabel.

—Fôram tambem considerados em transito, de 1 a 12 de fevereiro, a professora do grupo escolar de S. Caetano de Odivellas, dona Leonilla Simplicio da Silva, transferida para a escola elementar mista de Barcarena, e de 16 a 31 de Janeiro, a normalista Elvira Ozelina Vianna, transferida do grupo de Faro para o de S. Miguel do Guamá.

—O presidente do Conselho Escolar de Souzel teve comunicação de que fôram nomeados Olivio Bahia do Sacramento e Mancel Antonio Barbosa para membros desse Conselho, o primeiro como representante do sr. dr. Governador e o segundo do sr. dr. secretario da Instrucção Publica.

—O director do grupo escolar de Marapanim, Pedro Valeriano de Moraes, removido para o de Muaná, foi considerado em transito de 1° de fevereiro a 6 de março.

—A' secretaria da Fazenda, communicou o sr. dr. secretario da Instrucção Publica que o director do grupo escolar do Pinheiro, Francisco Olavo Guimarães Nunes, continúa, a seu chamado, auxiliando os trabalhos do departamento sob sua direcção.

—Foi mandado sobmetter á inspecção de saúde, para effeito de disponibilidade, o professor da escola de 1ª entrançada de sexo masculino de Guarimã, municipio da Vigia, Gerinaldo Antonio dos Santos, que se julga impossibilitado de poder continuar no magisterio publico do Estado.

—Transmittindo a folha de pagamento do pessoal do grupo escolar de Faro, relativa ao mes de janeiro proximo passado, declarou o sr. dr. secretario que devem ser pagos aos respectivos funcionarios os seus vencimentos integraes, visto como esse estabelecimento só deixou de funcionar de 16 a 21 do referido mes por não estarem concluidas as obras que nelle se estavam fazendo.



Fôram justificadas, em março, as seguintes faltas:

**Faltas justificadas** —de 15 a 25 de janeiro,—á normalista Luzia Valente Lobo, adjuncta effectiva no grupo escolar de Cametá;

—de 22 a 23, e de 26 a 29 de fevereiro,—á normalista Maxima Alves Rayol, professora da 3ª escola elementar do sexo feminino da capital;

—de 16 a 29 de fevereiro,—ao director do Instituto Orphanologico do Outeiro, dr. Manoel Manços da Silva Villaça;

—de 1, 3, 5, 6, 7, e 10 de ferereiro,—á normalista Iraides Mattos, adjuncta no 2º grupo escolar da capital;



—de 15 de janeiro a 14 de fevereiro,—às normalistas Lucia de Mendonça Dias, professora no grupo escolar de Cameté, e Maria de Nazareth da Costa, adjuncta no grupo de Vigia;

de 1 a 21,—á directora do grupo escolar Barão do Rio Branco, normalista Maria Luiza Pinto do Amaral;

—15 de janeiro a 10 de fevereiro,—á professora effectiva da 2ª escola elementar masculina do grupo de Baião, normalista Amelia da Silva e Souza;

—de 1 a 14 de fevereiro,—á professora da 1ª escola elementar masculina do mesmo grupo, normalista Porphiria Rodrigues da Silva Damasceno;

—de 5 a 15 e de 21 a 25,—á normalista Cecilia Maria da Cruz Carvalho, professora da 2ª escola elementar masculina do grupo escolar de Santa Izabel;

—de 7, 8, 9, 21 e 22,—á professora da 1ª escola feminina do mesmo grupo, normalista Amelia de Barros Brigido;

—de 1, 21, 22 e 23,—á normalista Anna Elizabeth Hammond, adjuncta no referido estabelecimento;

—de 5 a 13,—ao director do grupo escolar de Curuçá, normalista João Gualberto de Campos;

—de 1 a 15,—á normalista Francisca Manfredo de Almeida, adjuncta substituta da 2ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar do Pinheiro;

—de 16 a 31 de janeiro,—á professora da 2ª escola elementar da secção feminina do grupo escolar de Faro, normalista Analia de Lavor Cotrin e Silva;

—de 14 a 29 de fevereiro,—á professora do 1º grupo escolar da capital, normalista Cecilia do Amparo de Araujo Bastos;

—de 16 a 31 de janeiro,—ao director do grupo escolar de Marapanim, Pedro Valeriano de Moraes;

—de 16 a 30 de julho de anno passado,—ao lente de Arithmetica e Algebra do Gymnasio Paes de Carvalho, dr. Ignacio Baptista de Moura;

—de 1 a 29 de fevereiro,—á normalista Anna Maurilla da Fonseca Pingarilho, adjuncta no 4º grupo escolar da capital;

—de 16 a 18 de janeiro,—á professora da 2ª escola da secção masculina do 6º grupo, normalista Analia de Jesus Lima;

—de 23 a 29 de fevereiro,—ao normalista Francisco da Silva Nunes, director do grupo escolar de Irituia;

de 1 a 20,—á normalista Analia Lavôr Cotrin e Silva, professora no grupo escolar de Faro;

—de 16 de fevereiro a 16 de março,—á adjuncta no grupo escolar do Pinheiro, normalista Francisca Manfredo de Almeida;

—de 1 a 7 de fevereiro,—á normalista Francisca Monteiro da Costa Rocha, professora da 1ª escola elementar da secção feminina do grupo escolar da cidade de Obidos.

—Fôram ainda justificadas nove faltas ao director do grupo escolar de Gurupá, Antenor Madeira.





- Pelo sr. dr secretario fôram approvados, em março, os seguintes actos :
- Actos approvados** —do director do grupo escolar de Faro, contractando Luiz da Costa e Souza para servente desse estabelecimento, em substituição de Manoel Honorato dos Santos, que foi dispensado;
- do director do grupo de Bragança, distribuindo os respectivos alumnos pelas secções masculina e feminina, conforme exige a conveniencia do serviço;
- do director do grupo de Bragança, transferindo, por conveniencia do serviço nesse estabelecimento, a adjuncta da 2.<sup>a</sup> escola elementar da secção feminina, normalista Joanna Marques Carepa, para a 1.<sup>a</sup> escola da mesma secção;
- do director do grupo escolar da cidade de Buião, designando dona America Rita de Souza para substituir a professora da 1.<sup>a</sup> escola elementar masculina, normalista Porphiria Rodrigues da Silva Damasceno, durante o seu impedimento;
- do director do grupo escolar de Castanhal, designando a adjuncta da 2.<sup>a</sup> escola elementar da secção masculina, normalista Antonia de Oliveira Passos Ferreira, para substituir a professora da escola complementar, normalista Maria Gomes Gondim, durante o seu impedimento de licença;
- do director do grupo de Soire, contractando Demetrio Amaral das Neves para servente da secção masculina desse grupo, em substituição de João Pereira Castro, que pediu dispensa;
- do director do grupo escolar de Bragança, designando a adjuncta Joanna Marques de Carepa para substituir a professora da 1.<sup>a</sup> escola elementar feminina, normalista Custodia Rosa de Lima, durante o seu impedimento de licença;
- do director do grupo de Cametá, cedendo o predio em que funciona o estabelecimento para nelle se effectuarem os festejos da inauguração dos trabalhos da Estrada de Ferro destinada a ligar essa cidade a Alcobça;
- do director do grupo de Anajás, contractando Mancel da Silva Moraes para servente da secção masculina desse estabelecimento;
- do director do grupo escolar de Maracanã, designando dona Barbara Conceição para substituir, provisoriamente, a professora interina da escola elementar da secção feminina, dona Maria Aurelia de Vasconcellos, que, por motivo de molestia, tem deixado de comparecer;
- do director do 1.<sup>o</sup> grupo da capital, designando as adjunctas Aman-  
cia de Oliveira Pantoja e Maria Amalia Lobo para substituirem, respectivamente, as professoras Aurelia de Seixas Franco, da 3.<sup>a</sup> escola da secção feminina, e Cecilia do Amparo de Araujo Bastos, da 1.<sup>a</sup> escola da mesma secção;



—do director do grupo escolar do Pinheiro, designando a adjuncta effectiva da 1.<sup>a</sup> escola elementar da secção masculina, normalista Bemvinda Ferreira de França Messias, para substituir a professora da 2.<sup>a</sup> escola elementar da mesma secção, normalista Anna Rosa Rodrigues das Neves, do seu impedimento;

—do director do grupo de S. Miguel do Guamá, designando dona Barbara Januaria da Silva Nunes para substituir, provisoriamente, a professora interina da 1.<sup>a</sup> escola elementar da secção masculina, normalista Emilia Maria de Miranda, que, por motivo de molestia, tem deixado de comparecer;

—do director do grupo escolar de Bragança, designando a adjuncta Genoveva Déa da Silva para substituir, provisoriamente, a professora da escola complementar mista, normalista Cassilda de Sampaio Penna Pinheiro, que não tem comparecido aos trabalhos por motivo de molestia;

—do director do grupo escolar de Soure, designando as adjunctas Alzira Gomes Rabello e Maria Leocadia de Castro Tavares, aquella para substituir, provisoriamente, a professora da escola complementar mista, normalista Antonia Joaquina da Costa Tavares, que, por motivo de molestia, tem deixado de comparecer ás aulas, e a segunda para substituir a professora da 2.<sup>a</sup> escola elementar da secção feminina, normalista Etelvina de Nazareth Grana Pamplona, que tambem se acha doente.

—Em fevereiro findo, foi ainda approvedo o acto do director do grupo escolar de Faro, designando dona Antonia Guimarães Duarte para substituir, provisoriamente, a professora da 2.<sup>a</sup> escola elementar da secção feminina, dona Analia Lavour Cotrin e Silva, durante o seu impedimento.





## *Notas e Noticias*

### Desembargador Augusto Olympio

Deste nosso prezadissimo Amigo, e preclaro director da Revista do Ensino, temos recebido frequentes noticias.

S. exc.<sup>a</sup> permanece em París, já restabelecido dos incommodos de saúde que o levaram ao Velho Mundo.

Mesmo de longe, o dr. Augusto Olympio continúa a animar-nos com a sua palavra guiadôra, tendo sempre para o mensário que é um producto da sua fecunda iniciativa, palavras de reconfortante affecto.

A Revista sente-se feliz em retribuir, nestas linhas, as expressões de amizade que lhe são enviadas pelo seu estimado director.

### História da Terra

Encerramos, neste fasciculo, a *História da Terra*, apreciavel trabalho especialmente traduzido para a Revista pelo nosso intelligente e dedicado collaborador S. DE PADILHA.

O presado confrade, que é um dos mais esforçados amigos do nosso mensário, ao qual consagra uma bôa somma da sua valiosa actividade, promete-nos, para o proximo número, interessantes páginas sobre *a vida das abêlhas*.

### Revista de Ensino

O Estado de S. Paulo, em materia de ensino, é, incontestavelmente, um exemplo na federação brasileira.

A instrucção publica constitue alli, — pode-se affirmar, — a preocupação maxima da politica administrativa. Os pro-homens do governo têm para esse ramo dos serviços do Estado os seus melhores cuidados, as suas atenções mais sérias, procurando fazer delle uma instituição modelar e unica no País. E desse particular interesse com que se trata da instrucção popular, desse entranhado amor patriotico com que o ensino é diffundido por todos os núcleos de população do Estado, decorre para este, inegavelmente, o renome com que elle se apresenta, sem par, entre os outros Estados da Republica.



Os seus professores publicos, cujos espiritos se formam sob o salutar influxo dos principios pedagogicos mais adiantados e consentâneos com as exigencias do meio em que têm de exercer a sua actividade,—são notaveis pela cultura e pelo character, ensinando pela palavra e pelo exemplo, e constituindo, assim, o elemento mais poderoso e mais forte na grande obra do alevantamento moral, intellectual e material do Estado.

A prova do nosso asserto temol-a no *Annuário do Ensino* e no órgão da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo—a *Revista de Ensino*, cujo terceiro numero, do decimo anno, recebemos agora. São publicações officaes, sob os auspicios da Directoria Geral da Instrucção Publica, e editadas ambas ás expensas do governo.

A *Revista de Ensino*, que tem uma commissão de redacção composta dos srs. Antonio Morato de Carvalho, Benedicto M. Tolosa, Carlos Gallet e Domingos de Paula e Silva,—é uma importante brochura de mais de 200 paginas, de circulação trimestral, cuidadosamente organizada e encerrando farta e valiosa collaboracção pedagogica.

Pelas honrosas commissões confiadas, anno passado, a professores paulistas, e das quaes nos dá noticia a *Revista*, se verifica o alto conceito de que os mesmos gosam, não só no seu Estado como fóra d'elle.

Querendo o governo federal reformar as Escolas de aprendizes marinheiros e organizar as de grumetes, de accordo com os planos apresentados pelo sr. Ministro da Marinha, pediu ao governo de S. Paulo um professor para auxiliar aquelle trabalho, sendo designado o professor Arnaldo de Oliveira Barreto, inspector escolar.

Em Sergipe estivera, em commissão junto ao governo daquelle Estado, o professor dr. Carlos da Silveira, director do grupo escolar da Avenida Paulista.

Para Matto-Grosso seguiram os professores Ernesto Sampaio, José Rizzo, Francisco Azzi e João Brienne de Camargo, convidados pelo governo daquelle Estado para auxiliarem o desenvolvimento da instrucção publica alli, já iniciada pelos professores Gustavo Kuhlmann e Leovigildo Martins.

Em Curityba (Paraná), onde fóra no character de representante official do seu Estado no Congresso de Geographia que alli se reuniu em setembro, esteve o professor João Lourenço Rodrigues, lente da Escola Normal de S. Carlos,



São deste provector educador os interessantes trabalhos que, sob os titulos — *Notas sobre o ensino publico do Estado do Paraná e Communicação feita ao Congresso de Geographia de Curityba*,—inserimos na secção *A instrucção publica nos Estados*, deste fasciculo, transcriptos, data venia, da *Revista de Ensino*.

A' distincta collega agradecemos a gentileza da visita.

### Instituto Geographico Brasileiro

Em sessão de assembléa geral extraordinaria, realisada no dia 18 de janeiro, foi eleito presidente do Instituto Geographico Brasileiro, com séde no Rio de Janeiro, o ex<sup>mo</sup>. sr. conde de Affonso Celso, um dos homens mais illustres da actualidade.

S. ex<sup>a</sup>. entrou immediatamente no exercicio de suas funcções, communicando gentilmente a sua investidura ao sr. dr. João Coêlho, eminente governador do Estado.

Em nome deste, o sr. dr. secretario do Interior agradeceu a gentileza do preclaro brasileiro.

### Escola Normal

Assumio, no dia 19 de março, o exercicio effectivo do cargo de director da Escola Normal, para o qual fôra nomeado por decreto de 11 do mesmo mês, o sr. dr. Eladio de Amorim Lima.

### A Revista do Ensino no Estado de S. Paulo

São do *Estado de S. Paulo*, o reputado diario paulista, de 29 de janeiro, as linhas que se seguem sobre o nosso mensário, as quaes reproduzimos nesta secção como um preito do nosso reconhecimento ao grande orgão da imprensa nacional:

Revista do Ensino, n<sup>os</sup>. 3 e 4, tomo I, anno I; Belem, Pará, 15 de novembro e 15 de dezembro de 1911.

Esta revista,—que é, como já dissemos, talvez a primeira revista verdadeiramente séria e bem feita que, no genero, apparece em nosso paiz,—continúa a publicar escolhido texto, onde, se nem tudo é optimo, quasi tudo é bom e limpamente escripto.



## Summario do n. 3:

«Noticia critica sobre as «Licções de Philologia Portugueza do dr. J. Leite de Vasconcellos, por Fléxa Ribeiro. A cultura da memoria segundo a pedagogia scientifica, por João de Figueiredo. Questões de Grammatica e Philologia, por J. Leite de Vasconcellos. Historia da Terra, por S. de Padilha. Relogios (poesia), Antonio Corrêa de Oliveira. O Paraiso, por Alves de Sousa. Relatorio sobre a Exposição escolar de desenho e pintura, por Alfredo de Sousa. O Ensino de Desenho, por Theodoro Braga. A Escola e o Correio, por V. Cardoso de Oliveira. Ensino Publico, por Augusto Olympio. Nótulas d'arte, por Joris Koris. Festas escolares, L. L. Pelo Magisterio, J. F. Notas e Noticias, N. Legislação do Ensino. A Revista. Bibliographia».

## Summario do numero 4:

«Biologia, por Aeylino de Leão. Decadencia do Darwinismo, por R. Moreira de Sousa. Historia da Terra, por S. de Padilha. Juntos, por Affonso Lopes Vieira. A Patria, por Coelho Neto. Exposição de Pintura, por Joris Koris. Historia da Arte, por Paes Barreto. Ensino Publico, por Augusto Olympio. Uma casa, por Gonçalves Vianna. Festas Escolares, por L. L. Pelo Magisterio, por J. F. Notas e Noticias, N. A Revista. Bibliographia».

Do sr. Alcibiades Freitas Leite, digno presidente da Directoria da Bibliotheca de Jaboticabal, recebemos a honrosa missiva que inserimos abaixo:

Jaboticabal, 29 de Fevereiro de 1912—Ill<sup>mo</sup>. Sr. Dr. Director da Revista do Ensino—Belem—Cordeaes saudações. Em nome da Directoria desta Bibliotheca, venho agradecer-vos a remessa da Revista do Ensino, da qual sois mui digno Director. Como a Bibliotheca manda encadernar todas as publicações que lhe são enviadas—jornaes e revistas,—tomo a liberdade de pedir V. S. a remessa dos fasciculos n<sup>os</sup>. 1 e 2, afim de possuir a collecção completa dessa revista, inegavelmente, a primeiro genero que se publica no Brasil, já pela sua admiravel collaboração, já pela nitida e caprichosa impressão. Aproveito a ocasião para apresentar a V. S. os protestos de elevada estima e consideração com que me subscrevo ás vossas ordens.  
Alcibiades Freitas Leite, presidente.



### Collegio Nacional

Do sr. professor Ferreira dos Santos, esforçado e competente director do Collegio Nacional, recebemos captivante carta em que aquelle nosso presado collaborador nos communica a transferencia da séde d'aquelle instituto de ensino para a Avenida de Nazareth.

Por generoso, espontaneo acto de devotamento á causa da instrucção no Estado, o illustre educador poz á disposição da Revista uma vaga, de alumno externo, para ser preenchida por criança pobre, á escolha da direcção deste mensário.

Agradecemos com reconhecimento e louvamos tão patriótica resolução, que maiores sympathias virá trazer ao *Collegio Nacional*, que já goza, entre nós, de larga nomeada.

### Universidade de S. Paulo

Foi installada em S. Paulo, em fevereiro ultimo, á rua Bento Freitas, n. 60, a Secretaria Geral da Universidade ultimamente fundada na bella e adiantada capital paulista.

O sr. dr. Adelino Leal, secretario geral, fez communicação, nesse sentido, ao sr. dr. Secretario d'Estado do Interior, Justiça e Instrucção Pública, que agradeceu a gentileza, fazendo votos pela prosperidade do utilissimo instituto.

### Lei organica

Conforme prometteramos, em passado numero, iniciamos neste a publicação da Lei organica do ensino superior e do fundamental na Republica, devidamente commentada por um abalisado professor.

### Corrigenda

No artigo *Terra Encantada*, de F. R., escapou um ligeiro engano de revisão, que aqui rectificamos.

A' pagina 96, o periodo que começa:—«O religioso amor do artista pela Belleza, a par de sua erudição vasta e profunda na arte numérica do período, fazem de suas paginas um prolongado encantamento...»—deve ser lido:



«O religioso amor do artista pela Belleza, a par de sua erudição vasta e profunda na arte numérica do período, faz de suas páginas um prolongado encantamento, que não é somente auditivo, mas também visual».

### As nossas gravuras

Duas bellas estampas inserimos neste numero da Revista, representando o corpo dirigente e educandas do Instituto do Prata e o grupo escolar de Igarapé-assú.

## Correio d'A Revista

M.—Th.—Como vê, publicamos neste número o seu artigo. Já lhe escrevemos um bilhete, de accordo com a sua indicação. Parece que não no recebeu. Far-nos-á especial obsequio comparecendo á redacção d'A Revista, na secretaria do Interior, em qualquer dia útil, das 9 ás 11 da manhã.

# A Vida Escolar no Estado

### Estabelecimentos públicos

**Grupo Escolar Barão do Rio Branco** Durante o 1º trimestre de 1912, o grupo escolar *Barão do Rio Branco* funcionou regularmente todos os dias uteis, tendo tido 55 dias de trabalho, assim distribuidos: no mez de janeiro 13 dias, no de fevereiro 18 e no de março 24.

O corpo docente deste estabelecimento é formado presentemente pelas normalistas seguintes: directora effectiva—**Maria Luiza Pinto de Amaral**; professoras e adjunctas:—**Domingas A. Soares**, escola complementar feminina; **Merandolina Faria Damasceno** e **Antonietta Sobral Amoêdo**, da 1ª escola elementar feminina; **Brazia Eulalia Gurjão** e **Odina Dorothea Cardoso**, da 2ª escola elementar feminina; **Francilia Pereira Nunes** e **Olympia Dias da Cunha**, da 3ª escola elementar feminina; **Cecilia Magno Travassos dos Santos**, da escola com-



plementar masculina; Juventina Damasceno Pereira Serra e Mathilde de Campos Moreira, da 1ª escola elementar masculina; Maria Lavareda da Rocha e Mariêta Pinto de Castro, da 2ª escola elementar masculina, e Carlota Justo Ribeiro e Vicencia Theodolina Nascimento, da 3ª escola elementar masculina.

—Está licenciada, por motivo de molestia, a professora effectiva da 3ª escola elementar feminina, normalista Ernestina França Cardoso, que está sendo substituída pela normalista Francilia Pereira Nunes, substituída, por sua vez, pela normalista Antonietta Sobral Amoêdo.

—Durante este trimestre, a affluencia de candidatos á matricula deste grupo foi grande, tanto que, em fevereiro, a directora foi forçada a pedir autorisação ao sr. dr. Secretário para fechal-a nas seguintes escolas, onde ella já era excessiva:—complementar feminina e 1ªs elementares masculina e feminina. A matricula total attingiu, no trimestre, a 646 alumnos, assim distribuidos: 309 na secção masculina e 337 na feminina. Destes pertencem ás escolas complementares 69 e 577 ás elementares. Verificou-se na frequência o movimento seguinte:

Frequência maior	481
menor	185
Média	375

—Foi este estabelecimento visitado duas vezes pelo sr. dr. Secretário de Estado da Instrucção Publica, que inspeccionou minuciosamente todo o estabelecimento e assistiu várias aulas em todas as escolas.

—Em 10 de março, o mesmo dr. Secretário realisou neste estabelecimento uma festa cívica, na qual foi solennemente lido o decreto no qual o sr. dr. Governador do Estado deu a este grupo o nome de grupo escolar Barão do Rio Branco, como homenagem deste Estado ao inlyto brasileiro.

—Foram eliminados, por falta de frequência, 45 alumnos, sendo 22 da secção masculina e 23 da feminina.



Resumo do movimento deste grupo, sob a 6º grupo direcção do snr. Raymundo Polycarpo Monteiro escolar Junior, durante o 1º trimestre do corrente anno.

Matricularam-se 503 alumnos, que ficaram assim distribuidos:

#### SECÇÃO MASCULINA

*Escola complementar*, regida pelo professor João Pereira de Castro:

matricula	18
frequencia média	15



*1ª escola elementar*, regida pela professora Maria Ribas da Costa Rêgo, tendo como adjuncta effectiva a normalista Maria do Carmo de Carvalho:

matricula	111
frequencia média	60

*2ª escola elementar*, regida pela professora Analia de Jesus Lima, que está licenciada, sendo substituida pela normalista Philomena Barriga Simões, adjuncta effectiva da 2ª escola elementar feminina:

matricula	51
frequencia média	19

Esta escola tem como adjuncta effectiva a normalista Serafina Crescencia de Brito.

*3ª escola elementar*, regida pela professora Luiza da Silva Tavares, tendo como adjuncta effectiva a normalista Adelia Lacerda:

matricula	55
frequencia média	32

#### SECÇÃO FEMININA

*Escola complementar*, regida pela professora Rosa Virgínia Costa:

matricula	30
frequencia média	17

*1ª escola elementar*, regida pela professora Rosa Estrella Monteiro Bahia, tendo como adjuncta effectiva a normalista Maria Juliano do Espirito Santo:

matricula	140
frequencia média	85

*2ª escola elementar*, regida pela professora Anna Orestes d'Oliveira, tendo como adjuncta effectiva a normalista Philomena Barriga Simões, que está sendo substituida pela normalista Graziella Moura de Paula Ribeiro:

matricula	56
frequencia média	28

*3ª escola elementar*, regida pela professora Emilia de Belem Guimarães, tendo como adjuncta effectiva a normalista Felicidade Nazareth de Araujo Moura, que está sendo substituida, durante o seu impedimento, pela normalista Almerinda Junqueira:

matricula	42
frequencia média	16



## PESSOAL ADMINISTRATIVO:

*Porteiro effectivo*—Narciso Geminiano Bahia.  
*Servente*—Estulano Bezerra de Almeida.  
 » —Satyra Maria da Conceição.



A matricula deste estabelecimento, no corrente anno lectivo, augmenta, a despeito do estado sanitario, que não é satisfactorio na zona em que está situado o grupo, e da quadra invernososa que atravessamos. O seu numero attingiu a 217 alumnos, até 30 de março, assim distribuidos:

Secção masculina	98
» feminina	119
Frequencia média	131

—Foi transferida deste grupo para o 6º a professora adjuncta Adelia Lacerda, que funcionára neste estabelecimento desde a sua fundação.

—Do 1º grupo foi transferida para este a professora-adjuncta Joanna Lemos Maneschy.

—O corpo docente é composto de 5 professoras e 4 adjunctas, todas effectivas.

—Tendo terminado a licença em cujo goso se achava, a professora adjuncta Rita Penante reassumiu o exercicio de seu cargo, deixando de funcionar a adjuncta que a substituiu, normalista Eugenia Cavallero de Macedo.

—Está substituindo a professora Luiza Baena, que se acha licenciada, a adjuncta Belmira de Jesus Franco.

—Para continuação da bõa ordem e disciplina no estabelecimento, fez a directoria baixar uma portaria lembrando certas disposições regulamentares quanto á entrada e sahida de professoras e alumnos, hygiene destes e horario das aulas.

—A bem da disciplina, fõram suspensos dois alumnos da 1.ª escola elementar masculina, por 15 dias, fazendo o director, nessa occasião, a leitura dos dispositivos regulamentares sobre deveres dos alumnos e hygiene escolar.

---

A Revista acceta para esta secção todas as informações, notas, estatisticas, etc., que lhe queiram enviar, relativas ao movimento escolar nos estabelecimentos de ensino do Estado, quer publicos, quer particulares.



# Legislação do ensino

## LEI ORGANICA

DO

### Ensino superior e do fundamental na Republica

A que se refere o Decreto n. 8.659 de 5 de Abril de 1911.

Organisação do ensino—Autonomia didactica e administrativa—Institutos de ensino superior e fundamental—O Conselho Superior do Ensino—O patrimonio, sua constituição e applicação

*Art. 1º*—A instrucção superior e a fundamental, diffundidas pelos institutos creados pela União, não gozarão de privilegio de qualquer especie.

O Art. 1º envolve um problema complexo, quer seja examinado do ponto de vista estrictamente constitucional, quer seja encarado de accordo com as doutrinas republicanas. Commentando o § 24 do Art. 72 da Constituição Federal, *que garante o livre exercicio de qualquer profissão moral, intellectual e industrial*, o sr. João Barbalho, depois de confrontar o texto da Lei com as letras das emendas rejeitadas pela Constituinte, com os termos de varios accórdãos do Supremo Tribunal Federal, do Superior Tribunal de Justiça do Maranhão, do Tribunal Civil e Criminal, com os pareceres e votos do Congresso Nacional e com actos do Poder Executivo, conclúe que subsiste ainda a exigencia do titulo ou diploma, conferido por institutos officiaes ou a estes equiparados, como requisito de habilitação para o exercicio das profissões que antes, sem elle, não podiam ser praticadas.

Conferindo ao Poder Executivo autorisação para reformar o ensino, pela Lei n. 2.536, de 31 de Dezembro de 1910, o Congresso Nacional não o fez sem prévia limitação. A exigencia dos titulos ou diplomas deixou de ser uma preocupação do legislativo, quando, na sua autorisação, determinou que a reforma se fizesse com a abolição de qualquer privilegio academico.

Na introducção do Relatorio apresentado em 1911 ao sr. Presidente da Republica, o sr. Minis-



tro do Interior assim se exprimiu: "Dahi a abolição dos privilegios concedidos a institutos de instrucção para que só elles ministrem o ensino fundamental e superior; dahi a eliminação dos privilegios escolares, dos diplomas e dos titulos, deixando que cada qual procure o estudo pelo que elle tem de alto e digno e não com o intuito subalterno da conquista de um pergaminho que lhe dê descabidas e injustas prerogativas na competição social".

Coherente com esta interpretação que acredita satisfazer a um *velho compromisso republicano e esquecido*, apesar da Constituição de 24 de Fevereiro consagrar o principio da liberdade profissional, S. Exc. acaba de dar applicação á doutrina com o seguinte despacho de 11 de Novembro de 1911: « Benjamin do Carmo Braga Junior, pedindo se lhe permitta o exercicio da advocacia sem outra prova de habilitação além do seu diploma de bacharel formado pela Universidade de Coimbra. — A' vista do Decreto n. 8.659 de 5 de Abril ultimo, que, revogando o Código do Ensino approved pelo Decreto n. 3.890, de 1.º de Janeiro de 1901, conformou-se ao disposto no Art. 72 § 24 da Constituição Federal, póde o requerente exercer sua profissão independentemente de prévio exame de habilitação que prescrevia o referido código.»

Outra applicação da mesma indole é fornecida pelo primeiro concurso realizado no Hospicio Nacional de Alienados, reformado depois da publicação desta Lei. Por não figurar, entre os requisitos para a inscripção, o titulo de doutor, apresentaram-se, disputando as vagas, dous estudantes de medicina. Realizadas as provas, foram classificados acima de medicos diplomados, e serão nomeados medicos alienistas, sem terem preenchido todas as formalidades do curso academico.

Este Art., pois, consagra o principio da liberdade profissional.

**Art. 2.º**— Os institutos, até agora subordinados ao Ministerio do Interior, serão, de ora em diante, considerados corporações autonomas tanto do ponto de vista didactico como do administrativo.

O Art. 2.º tambem se prende ao principio da liberdade profissional, exarado na Constituição da Republica. Acreditando que a intervenção do Estado nas cousas do ensino foi sempre perturbadora e representa um papel principal no crescente descrédito dos institutos, o legislador afastou-a de um modo claro e positivo. Na sua exposição de motivos, o sr. Ministro do Interior explicou o seu pensamento em uma phrase que se não presta á discussão: « A



presente organização assignala, e tem em vista, uma suave e natural passagem da vigente officialisação do ensino para a sua completa desofficialisação.»

**Art. 3.º**—Aos institutos federaes de ensino superior e fundamental é attribuida, como ás corporações de mão morta, personalidade juridica, para receberem doações, legados e outros bens e administrarem seus patrimonios, não podendo contudo, sem authorisação do Governo, alienal-os.

**Art. 3.º** Attribuindo personalidade juridica aos institutos federaes de ensino superior e fundamental, como ás corporações de mão morta, o legislador procurou um simile, na segunda parte, que indicasse a natureza dessa personalidade. *Ad instar do regimen de não morta*, os institutos receberão legados, doações etc., mas não poderão alienar os seus bens, sem permissão do Governo. A concessão da personalidade juridica impunha-se. Ella se encontra em muitos paizes, actuando como um poderoso factor do progresso do ensino. Na Inglaterra, na Allemanha, na Italia, na Suecia, nos Estados Unidos, as universidades, quer devam a sua origem á iniciativa dos particulares ou á intervenção do Estado, quer sejam absolutamente autonomas ou directamente regidas pelos poderes publicos, têm a faculdade de receber e possuir bens, sob certas condições, assim como o direito de comparecer em juizo. Até na França terra classica da centralisação, as faculdades officiaes de ensino superior têm tido sempre a qualidade de pessoas juridicas. O exemplo da Inglaterra e, principalmente, o dos Estados Unidos demonstram o poder do estimulo que ella constitue para a generosidade dos cidadãos, em favor do ensino. Si, entre nós, os legados visavam exclusivamente as sociedades de beneficencia e as confissões religiosas, era porque de todos os organimos destinados á consecução de fins de interesse geral, só essas instituições offereciam garantias de permanencia e estabilidade, derivadas da propria personalidade juridica. A extensão do privilegio aos institutos de ensino recommenda-as-á ás larguezas postumas dos homens abastados. Par falta dessa personalidade, andavam perdidos bens pertencentes ao Collegio Pedro II e a outros institutos, vendo-se obrigado o Ministro Tavares de Lyra a nomear uma commissão com poderes especiaes para arrecadar os bens e administral-os. Ao Conselho Superior do Ensino, em sessão de 1.º de Agosto de 1911, foi apresentado pelo dr. João Mendes Junior um bem elaborado parecer em que a personalidade juridica, com todas as suas consequen-



cias—organização e administração dos patrimônios, responsabilidade dos directores e thesoureiros, extensão da autonomia em relação ás taxas e ao processo de prestação de contas—se acha definida.

NOTA: A importancia que o desenvolvimento e a boa administração, dos patrimônios conseguem alcançar, é demonstrada, pela leitura da seguinte tabella relativa ás subvenções que o thesouro do Imperio Allemão paga a varias universidades: á de Breslau 92, 8%, ás de Königsberg, de Berlim 87%, á de Bonn 81, 1%, á de Greifswald 39% e a de Göttingen 36, 4% (Eulenburg, «A nova geração academica»)—Enquanto a prosperidade de Göttingen allivia os cofres publicos, reduzindo a subvenção para o seu custeio a 36, 4%, a de Breslau ainda onera o orçamento prussiano com a despeza de 92, 8%. Naturalmente o mesmo acontecerá com os nossos institutos, alguns dos quaes como o Collegio Pedro II, já dispõe de avultado patrimonio.

Art. 4º—Nas faculdades de medicina do Rio de Janeiro e da Bahia será ministrada cultura medica; nas faculdades de direito de S. Paulo e de Pernambuco, a das letras juridicas; na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, a de mathematica superior e engenharia, com todas as suas modelidades; no Collegio Pedro II se ensinarão as disciplinas do curso fundamental, com o seu desenvolvimento literario e scientifico.

O Artigo 4º enumera os estabelecimentos até agora subordinados ao Ministerio do Interior, aos quaes se refere o Art. 2º; e especifica o destino de cada um.

Art. 5º—O Conselho Superior do Ensino, creado pela presente lei, substituirá a função fiscal do Estado; estabelecerá as ligações necessarias e imprescindiveis no regimen de transição, que vae da officialisação completa do ensino, ora vigente, á sua total independencia futura, entre a União e os estabelecimentos de ensino.

O Art. 5º cria o Conselho Superior do Ensino. O espirito da reforma não admite o ensino como função propria do Estado, mas, obrigado pelo texto constitucional, reconhece que a União não deve ser indifferente á instrucção publica, grande esteio das democracias. Concedida a autonomia didactica e administrativa, o governo subvencionará ainda por largo tempo os estabelecimentos por elle fundados. Occorre-lhe, portanto, o dever de fiscalisar o emprego dos dinheiros publicos. Esta função é attribuida pelo art. 5º ao Conselho Superior do Ensino que, além disso, tem função disciplinar e pedagogica que o aproxima do Conselho de Educação fundado em 1887, pelos Estados Unidos da America do Norte.

Art. 6º—Pela completa autonomia didactica que lhes é conferida, cabe aos institutos a organização dos programmas de seus cursos, devendo os do Collegio Pedro II revestir-se de coracter pratico e libertar-se da condição subalterna de meio preparatorio para as academias.



Art. 6.—De posse da autonomia didactica, os institutos organizarão os seus programmas conforme julgarem mais conveniente ao desenvolvimento do ensino. Ficam, pois, livres das incursões do Governo em materia tão delicada que só por technicos deve ser examinada, como seja a directriz dada aos estudos. O ensino fundamental nobilitou-se e ganhou situação propria; não servirá mais de trampolim para o assalto ás academias. O tempo demonstrará as vantagens que o amor ás letras e ás sciencias adquirirá com a medida. Uma dellas a extincção dos collegios equiparados não será certamente a menor.

Art. 7.º—A personalidade juridica investe as corporações docentes da gerencia dos patrimonios, respectivos, cuja constituição se obterá da seguinte forma:

- a) com donativos e legados que lhe forem destinados;
- b) com as subvenções votadas pelo Congresso Federal;
- c) com os edificios de propriedade do Estado, nos quaes funcionarem os institutos;
- d) com o material do ensino existente nos institutos, laboratorios, bibliothecas e o que para elles for adquirido;
- e) com as taxas de matrícula, de certidões, de bibliotheca, de certificados e das que, por força desta lei, venham a revester para o dito patrimonio;
- f) com as porcentagens das taxas de frequencia dos cursos, das inscrições em exames etc., etc.

Art. 7.º O modo de constituir os patrimonios e a sua gerencia estão estatuidos nesta passagem. A letra *f* que determina pertencerem ao patrimonio as porcentagem das taxas de frequencia dos cursos, etc., é de importancia capital. Em suas linhas consagra e vivifica o regime da livre docencia, um dos aspectos originaes da reforma. Nos Regulamentos a porcentagem a retirar das taxas de frequencia, etc., para o patriotismo foi fixada em 10%. A somma restante é destinada ao pagamento dos docentes. A letra *f* prescreve ainda o modo de retribuir o serviço dos examinadores. Determina que «da taxa de inscrição em exames» cabe ao patrimonio unicamente uma porcentagem, devendo ser 10%, como a porcentagem retirada das «taxas de frequencia dos cursos.»

Esta doutrina foi sustentada no Conselho Superior do Ensino, pelos professores Azevedo Sodré Mello Mattos e Marcos Cavalcanti, como se deprehende da seguinte declaração de voto:

«Votamos contra o parecer da commissão, porque elle firma doutrina em manifesto antagonismo com



disposição expressa da Lei Organica e altamente prejudicial ao interesse do ensino. A Lei Organica em seu art. 7º, enumera de modo bem claro, as fontes de renda, para constituição dos patrimonios e nas letras *e* e *f* desse artigo estatue que elles serão constituídos: letra *e* com as taxas de matrículas, de certidões, de bibliotheca, de certificados e das que, por força desta lei, venham a reverter para o dito patrimonio; letra *f* com as porcentagens das taxas de frequencia nos cursos, das inscrições em exames, etc. Opiniando o parecer que as taxas de frequencia nos cursos geraes dos professores revertem *in totum* para o patrimonio, fere a disposição expressa da Lei Organica, que estatue os pertencerem ao patrimonio *as porcentagens deduzida destas taxas*. Por outro lado, um dos principios fundamentaes da actual organização, um dos eixos em torno do qual ella gira, é o estipendio dos professores por parte dos alumnos, e, desde que a estes é assegurado o direito de escolha do mestre com quem querem aprender, aquelle estipendio serve para manter um vivo estimulo, uma emulação permanente no sentido dos professores se esforçarem por melhorar o ensino que ministram e attrahir alumnos.

**Art. 8º**—As doações e legados, destinados a determinados fins, serão applicados segurando os disignios dos doadores.

**Art. 9º**—Os rendimentos do patrimonio de cada instituto são destinados ao custeio do ensino, ao melhoramento dos edificios, á constante reforma do material escolar, á distribuição de premios e outras obras de utilidade pedagogica.

Art. 9º Os dizeres deste Art. restringem os casos de applicação do rendimento dos patrimonios. O que não fôr «custeio do ensino, melhoramento material, distribuição de premios e obras julgadas de utilidade pedagogica», não poderá ser pago por esta verba.

**Art. 10.**—O patrimonio de cada instituição será administrado pelo respectivo director, de accôrdo com as Congregações e com o Conselho Superior do Ensino.

Art. 10. O citado parecer do dr. João Mendes de Almeida ventila o lado juridico que este Art. apresenta. E' fóra de duvida que, cabendo as funcções administrativas aos directores dos estabelecimentos (vide Arts. 28 e 29), a elles está entregue a gerencia do patrimonio. O papel das congregações e do Conselho Superior, neste como em outros casos, reduz-se á simples consulta e fiscalisação.

(Continua)



# Livraria Classica e Commercial

(Reunidas)

Cem uma existencia de mais de 20 annos, e de todas as do Pará a mais bem sortida em livros escolares e a que vende por preços mais rasoaveis. E' editora dos seguintes compendios, approvados unanimemente pelo Conselho Superior de Instrucção Publica d'este Estado e adoptados para uso das escolas elementares e complementares:

## *Augusto Ramos Pinheiro*

Novissimo Primeiro Livro de Leitura—contando 23 edições.

Segundo Livro de Leitura—com 17 edições.

Terceiro Livro de Leitura ou Escola, Patria e Familia

Obra preciosa para a educação civica da mocidade, com 4 edições.

## *Eponina de Oliveira Condurú*

Livro de Nina—preciosas lições de cousas ao alcance das mais tenras idades.

## *Ten. te C. el Raymundo Alves da Cunha*

Paraenses Ilustres

## *J. B. de Brito Bastos*

Geometria Pratica

## *Manoel João Alves*

Collecção de Traslados

## *Vilhena Alves*—( Fran.<sup>co</sup> F. de )

Compendio de Analyse Moderna

## *João Gualberto da Costa*

Estudos Graduados de Leitura Manuscripta

Tem annexas bem montadas officinas de typographia, movidas a electricidade, encadernação, pautação e fabrica de livros em grande escala, para fornecer a revendedores, a preços sem competencia.

Papeis de todas as qualidades e preços

Quem uma vez comprar na Livraria Classica compra sempre

Rua Conselheiro João Aliredo,—59

Caixa Postal—258

Telegramma—JOTASANTOS.

PARÁ—BELÉM



# *Livraria Moderna*

TYPOGRAPHIA-PAUTAÇÃO-ENCADERNAÇÃO

Completo sortimento de livros escolares;  
*litteratura, sciencias, poesias e jurisprudencia.*

Grande deposito de livros em branco em todos os formatos

A casa que mais sortimento tem em papelaria artigos para escriptorios  
e desenho. ARTIGOS DE BAZAR

**Vendas a dinheiro**

**SABINO SILVA**

Rua João Alfredo 86 Para

Endereço Telegraphico Moderna. Caixa postal 26

# Livraria Academica

RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO.

Trabalhos typographicos de primeira ordem

# Pará-Chic

LIVRARIA

DE

**M. FREITAS & C.<sup>A</sup>**

Revistas, Postaes, Musicas, Instrumentos, Fabrica e  
Deposito dos deliciosos cigarros "COMMERCIO  
PARAENSE", Variadissimo sortimento de  
livros sobre sciencias, artes, indus-  
tria, direito etc, dos mais re-  
putados auctores.

Rua Cons. João Alfredo, 83

Para



# Consultório Médico Cirúrgico

Largo da Misericórdia, 14 (esquina da Rua 13 de Maio)

Das 9 ás 11 horas da manhã, e das 2 ás 6 da tarde

Dr. Carlos Ornstein

Dr. E. d'Utra-Vaz



Dr. Acylino de Leão

Dr. Oswaldo Barbosa

## Installação completa de Agentes Physicos

Raios X, Luz de Finsen e Uviol, Electricidade: galvânica, farádica, alta-freqüência, banhos hydro-elétricos, cautério, endoscopia, electrólise, ionização; Méthodo de Bier, Ar quente, Massagens. Operações (instrumental aperfeiçoado, aparelhos de esterilização) Injecções endovenosas de Salvarsan (606)

Diagnóstico pelos Raios X (Radioscopia e Radiographia) nas moléstias internas, tumores, fracturas, corpos extranhos. Cura pelos Raios X: das Tinhas, Sycoses da barba, Verrugas, Cancroides, Cancros do seio, Escróphulas. Cura pela Luz: do Lupus, Aenes ou Espinhas, Manchas. Tratamento pela Electricidade: da Hysteria, Neurasthenia, Parálisias, Fraqueza geral, Gota, Diabetes, Obesidade, Arteriosclerose, Rheumatismo, Dyspepsias, Vômitos incoerciveis, Prisão de ventre, Varizes, Aneurismas, Metrites. Cura pelo Bier: de Ulceras, Feridas atónicas, Furúnculos, Anthrases, Inflammacões.



## SUMMARIO de 15 de Março de 1912



Espíritos theóricos e espíritos práticos (SOB O PONTO DE VISTA DO ENSINO SUPERIOR).....	<i>R. Moreira de Souza.</i>
História da terra (SECÇÃO VI.—SÉTIMA ÉPOCA).....	<i>S. de Padilha.</i>
Livros escoláres.....	<i>Teodoro Rodrigues.</i>
Curiosidades científicas (MOVIMENTO E SENSIBILIDADE NOS ANIMAES E NAS PLANTAS.—APPLI- CAÇÃO DO PHOTÓGRAPHO AO ENSINO DAS LINGUAS EXTRANGEIRAS).....	<i>Octávio Graça.</i>
Páginas escolhidas (FR. LUIS DE SOUZA.—UM COMBATE NAVAL).....	<i>F. R.</i>
As aves.....	<i>Garcia Redondo.</i>
Pedra que falla.....	<i>Antonio Corrêa d'Oliveira.</i>
Questões de grammática e philologia (REFORMA ORTOGRÁFICA.— CARTA ABERTA AO SR. TEODORO RODRIGUES).....	<i>Cândido de Figueiredo.</i>
A instrucção pública nos Estados (SÃO PAULO).....	<i>Ferreira dos Santos.</i>
Festas Escolares (DISCURSO PROFERIDO NA ESCOLA NORMAL).....	<i>L. L.</i>
Pelo magistério (DECRETOS, PORTARIAS, VÁRIAS).....	<i>Alfredo Chaves.</i>
Homenagem do Estado á memória do Barão do Rio Branco.....	<i>J. F.</i>
Notas e Notícias.....	<i>N.</i>
Legislação do ensino.....	<i>N.</i>
A Revista.....	<i>N.</i>
Bibliographia.....	<i>F. de S.</i>

A REVISTA DO ENSINO permutará com as publicações similares.  
Toda a correspondencia que se lhe destine deve ser endere-  
cada á CAIXA POSTAL n. 502 (Pará—Brasil).

## SUMMÁRIO de 15 de Fevereiro de 1912



Barão do Rio Branco (MASCARA E NOTÍCIA).....	<i>Redacção.</i>
Biología (MÉTODOS: OBSERVAÇÃO, EXPERIMENTAÇÃO, EXPLORAÇÃO PATHOLÓGICA, COMPARAÇÃO.—HYPÓ- THESES DA BIOLOGIA: A THEORIA DA EVOLUÇÃO).....	<i>Redacção.</i>
História da Terra (QUINTA E SEXTA ÉPOCAS).....	<i>Acylino de Leão.</i>
Questões de Grammatica e philologia (NOTAS SOBRE AS PROPOSIÇÕES).....	<i>S. de Padilha.</i>
Curiosidades científicas (CÓRDES PROTECTORAS DOS ANIMAES).....	<i>Teodoro Rodrigues.</i>
O Ninho.....	<i>Octávio Graça.</i>
Máximas Pedagógicas (SENTENÇAS DE PESTALOZZI).....	<i>Francisco Vianna.</i>
A Instrucção (POESIA).....	<i>Teodoro Rodrigues.</i>
Ensino Público (EXCERPTOS DO RELATORIO DE 1911, APRESENTADO AO GOVERNADOR DO ESTADO).....	<i>Augusto Olympio.</i>
Páginas escolhidas (PADRE ANTONIO VIEIRA).....	<i>F. R.</i>
Nótulas d'arte (CONCERTO JOÃO NUNES).....	<i>Joris Koris.</i>
O ensino misto no Brasil.....	<i>Ferreira dos Santos.</i>
Festas escolares (ESCOLA NORMAL. INSTITUTO LAURO SODRÉ).....	<i>F. de S.</i>
Pelo Magistério (DECRETOS, PORTARIAS, VÁRIAS).....	<i>J. F.</i>
Notas e Notícias.....	<i>N.</i>
Legislação do Ensino.....	<i>N.</i>
A Revista.....	<i>N.</i>